



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compártilha Igual 4.0 Internacional.

Paulo Scarim [✉]

Departamento de Geografia da
Universidade Federal do Espírito Santo
pauloscarim@hotmail.com

Entrevista recebida em:
01/11/2023

Entrevista aprovada em:
24/11/2023

Entrevista publicada em:
01/12/2023

Apresentação

A entrevista que entregamos para a leitura de todas as pessoas interessadas é uma forma de homenagem ao sempre presente e saudoso professor Carlos Walter Porto-Gonçalves.

Esta entrevista foi realizada em 1999, em Niterói. Ela foi realizada como parte de meu projeto de mestrado, na U.S.P (Universidade de São Paulo) sob a orientação da professora Ana Fani Alessandri Carlos, que tentava finalizar naquele momento.

Deixei-me levar pelas tentações apresentadas pela banca de qualificação, meses antes. A qualificação tinha como centro a forma como a noção de *Segunda Natureza* foi incorporada pelo pensamento geográfico, especialmente a geografia crítica brasileira. Na banca, o excepcional professor Antônio Carlos Robert de Moraes sugeriu que eu explorasse mais a análise sobre o movimento de renovação crítica da geografia brasileira. E como o material publicado, até aquele momento, era insuficiente, e já o tínhamos analisado no texto de qualificação, foi sugerido pelo citado professor, o que foi endossado pela orientadora e pelo professor Jorge Grespan, demais componentes da banca, que realizasse entrevistas com pessoas que foram fundamentais neste processo.

Em pouco mais de um ano visitei diversas pessoas em seus lugares de trabalho ou moradia. As entrevistas duraram horas, cada uma. Foi um aprendizado fantástico. O conteúdo foi transcrito e está em anexo da dissertação. Entrevistei as seguintes pessoas:

- » Ana Fani Alessandri Carlos
- » Antônio Carlos Robert Moraes
- » Arioaldo Umbelino de Oliveira
- » Armando Correia da Silva
- » Carlos Walter Porto-Gonçalves
- » Heins Dieter Heideman
- » Milton Santos
- » Odette Seabra
- » Roberto Lobato Correia
- » Ruy Moreira

Como podem observar rapidamente a lista é incompleta. Não dá conta da abrangência e da diversidade do movimento de renovação da geografia brasileira, também conhecida como geografia crítica. Realmente, a lista era bem maior. Mas tive que interromper a coleta das entrevistas por imposição do tempo burocrático máximo concedido pelo programa de pós-graduação. As entrevistas ficaram muito centradas no eixo Rio-São Paulo. Porém, elas apresentaram falas profundas e diferenças de visões que fizeram do anexo à dissertação a parte mais importante e a mais lida. As entrevistas mudaram a perspectiva do autor e uma dissertação que tinha como tema o conceito de segunda natureza se torna uma análise do movimento de renovação na qual a questão anterior se situa como uma questão entre várias.

A entrevista com o professor Carlos Walter Porto-Gonçalves foi um das primeiras que coletei e foi muito impactante. Se vocês lerem as entrevistas na sequência terão a ideia de como cada entrevista foi modificando o roteiro inicialmente pensado e como foi se nutrindo de elementos que foram sendo incorporados nas entrevistas posteriores. E perceberão a influência da entrevista do Carlos Walter.

Conheci o professor Carlos Walter no final dos anos de 1980 quando entrei para cursar geografia na UNESP de Presidente Prudente. A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e, principalmente, os Encontros Nacionais de Geógrafos (E.N.G) sempre foram nossas moradas. E o professor Carlos Walter sempre foi muito ativo na querida A.G.B. O texto *A Geografia está em Crise. Viva a Geografia* ainda era marcante para minha geração.

Mas a lembrança mais forte deste momento é que Carlos Walter era um dos poucos ambientalistas na comunidade geográfica brasileira. A figura do ambientalista era inclusive estigmatizada. Neste momento, em 1988, Carlos Walter insere na comunidade acadêmica a liderança seringueira, que viria a ser assinada logo mais, Chico Mendes. Penso que este é um marco da guinada da geografia agrária brasileira, se colocando ao lado das lutas sócio-territoriais. Sua tese de doutorado *Geografando nos Varadouros do Mundo* representa este momento.

A partir de minha vinda ao Espírito Santo, minha aproximação às questões agrárias, principalmente contra o avanço da monocultura do eucalipto, nossa reconstrução da A.G.B capixaba, coincidindo com o segundo mandato do professor Carlos Walter na presidência da A.G.B nacional (1998-2000), estreitaram nossas relações. Fui fazer meu doutorado na U.F.F (Universidade Federal Fluminense) sob sua orientação, que derivou na tese sobre a importância dos conflitos agroambientais para o entendimento da formação territorial capixaba.

Neste momento, início do século XXI, as falas e os textos do professor Carlos Walter já tinham extrapolado as fronteiras brasileiras, e sua importância cresce na América Latina, em sintonia com as articulações camponesas, indígenas e ambientais, vide a Via Campesina e os movimentos de inspiração Zapatistas.

Muitas foram as ações, encontros e viagens de campo que participamos juntos e o que mais me chamava atenção era sua criatividade e disposição para a fala com profunda análise. Também foi marcante para minha geração sua capacidade de introduzir ideias atualíssimas, mas com suas traduções para o pensamento geográfico, como des-envolvimento e re-existir.

Por isso fiquei feliz quando o editor abriu a possibilidade de publicar a entrevista concedida em 1999. Pois era dispor a um público mais amplo sua fala, suas criações e sua linguagem solta e provocante. O professor Carlos Walter sempre me provocou para publicar as entrevistas do anexo da dissertação. Porém a dinâmica da vida não tornou possível. Desta forma trouxemos suas palavras, sempre vivas, sempre marcantes e sempre atuais. Carlos Walter, presente, sempre!



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

Entrevista com Carlos Walter Porto-Gonçalves¹

Paulo Scarim (PS): Quando você entra na Geografia, como ela estava? O que era discutido? Que autores estavam influenciando a Geografia?

Carlos Walter Porto-Gonçalves (CWPG): Eu entro para fazer o curso de Geografia em 1969, minha turma é a primeira turma que vai conviver na universidade com o famoso e famigerado artigo 477, que foi o desdobramento específico para as universidades do Ato Institucional nº 5, então ficou uma universidade muito marcada pela repressão, então o período na verdade de debates muitos restritos, um período de transição onde começa a se introduzir ainda na universidade, o pessoal rejeitando um pouco, mas na verdade a gente via, assim como um pano de fundo do que aparecia como sendo a inovação da Geografia, aparecia aquilo que o IBGE estava introduzindo no Brasil à época, através da chamada Geografia Quantitativa, que começava a se ensaiar como referência à época que eu estudava. Até mesmo Pierre George estava meio em baixa já com os próprios professores, mas era referência um pouco do que se discutia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Então, o que marcava o debate, eram os professores que tinham características Malthusianas, e um debate teórico de fato muito precário, as pessoas tinham uma tradição muito empirista, na verdade, e até, digamos assim, e até não explicitando os fundamentos teóricos que eles abraçavam, aparecia cada um, trazia para a sala de aula uma metodologia, uma forma de ensinar a Geografia, quando dava aula de Geografia do Brasil, dava aula de Geografia Agrária, dava aula de Geografia Física, mas me lembro até na Geografia Física, aqui ainda se discutia um pouco das teorias evolucionistas do William Morris Davis, que eram apresentadas, teoria do relevo na juventude, na maturidade, na velhice, os ciclos da erosão e tal, engraçado que na Geografia Física já se discutia um pouco de teoria.

Me lembro também como referência teórica assim que chegou até a gente, um pouco Richard Hartshorne, com **Questões sobre a Natureza da Geografia**, foi talvez assim o livro de referência teórica mais consistente que chegou até a gente, e tinha os professores Hartshornianos, no caso a Maria do Carmo Galvão, uma geógrafa ligada ao campo da agrária, mas no geral era um debate teórico muitíssimo precário, na verdade o que a gente foi adquirindo de teoria, eu falo um pouco por mim, e talvez até por uma parte da geração dos que vão constituir a Geografia Crítica, vieram de fora da universidade.

PS: Esse fora significa o que para você?

CWPG: Vieram basicamente daqueles geógrafos, pelo menos dos que vão construir uma Geografia Crítica, que eram basicamente

1. Nota do Editor: Entrevista com Carlos Walter Porto-Gonçalves realizada em 27 de agosto de 1999 por Paulo Cesar Scarim e que faz parte da dissertação deste último intitulada "Coetâneos da crítica. Contribuição ao estudo do movimento de renovação da Geografia brasileira", defendida na USP em 2000 e cuja orientadora foi a professora Ani Fani Alessandri Carlos. Todas as expressões entre "[]" são dos editores para acrescentar alguma palavra ou pontuação que ajudem na compreensão da entrevista, para indicar que a frase está inacabada se utilizou "[...]". Também tem algumas Notas de Editores (NE) para esclarecer algum ponto. Foram colocadas algumas referências em nota de rodapé para ajudar no entendimento dos propósitos de Carlos Walter, porém boa parte dos nomes citados não foram referenciados.

dos geógrafos que independentemente de serem geógrafos faziam militância política e na militância política tinham um acesso à teoria marxista. Então não tivemos assim na verdade um acesso a teoria marxista pela via acadêmica, na verdade é até interessante, porque essa é a própria trajetória do Marx. Marx também faz a sua trajetória política não pela via acadêmica, o Lenin também. Tanto Marx, como Lenin, eram formados em Direito. Mas, apesar de suas construções teóricas, não foram fazer um contraponto acadêmico às suas referências filosóficas no direito. Hegel é um deles, por exemplo, no caso do Marx. Na verdade eles constroem suas teorias mais próximo do envolvimento que eles têm com as lutas sociais.

PS: Neste período de estudante de graduação você participava de grupos políticos?

CWPG: Não. Eu já entrei na universidade no período de 69. Sou de família operária, na época que eu tinha 19 para 20 anos, uma família que não tinha tradição de discussão política, eu tive um pouco de acesso a questão política de militância foi no movimento estudantil, isto eu cito na revista “**Geografia e Ensino**” do Departamento de Geografia da UFMG (1998, volume 7, n.º 1), aí você tem a citação completa. Foi uma militância muito precária em grêmio estudantil de 2º grau, onde nem ficava muito evidente para mim a distinção entre direita e esquerda; eu, por exemplo, participei de um grupo que era “Liberdade, União e Trabalho”, se você me perguntar qual o espectro ideológico daquele grupo, eu exatamente não sei, era voltado para questões justamente estudantis, questões da escola tal, mas era um embrião de participação política que tínhamos. Depois, na universidade, eu já entro vendo, observando, pessoas que eram afastadas de sala de aula, sumiam, depois mais tarde eu vinha compreender, seja porque saíram para a vida clandestina, seja porque caíram nas garras da repressão e não mais voltaram, há casos, a Paula por exemplo, uma colega nossa da Geografia que depois desapareceu, depois a gente soube que ela foi assassinada pelos órgãos da repressão, e outros colegas que desapareceram, mas eu inclusive até por esse momento de uma repressão específica voltada para as universidades, eu na verdade estava entrando ali e com uma tradição, de uma extração social distinta, acho que isso ajuda a entender também a origem social do movimento de esquerda, que era basicamente de pessoas de extração de classe média, e eu não vinha da classe média.

Eu me lembro que, por contatos a partir da universidade, começo a tomar contato com algumas pessoas de esquerda, primeiro porque eu fui dar aula num curso de vestibular indicado por uma colega, de primeiro ano ainda, primeiro semestre da universidade, e nesse curso pré-vestibular, tinham professores de esquerda, aliás todos eram professores de esquerda, basicamente, e eu comecei uma primeira



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

socialização com pessoas de esquerda, que aliás até teve um fato que me marcou, e eu digo que definitivamente, foi que uma vez eu tinha feito um desenho no quadro, fazendo aquelas ilhas socioeconômicas que o Manoel Corrêa de Andrade fala, as ilhas do Café, as ilhas da cana, a ilha da Borracha, tudo voltado para a exportação, como se o Brasil não tivesse uma articulação interna na sua espacialidade, e eu dava aula daquilo ali, isso lá em 69, e eu me lembro que eu cheguei depois, tinha uma reunião de professores desse cursinho e chegou um professor de história, que era um homem (Júlio) que eu admirava, que eu já via que era um intelectual e era um sujeito de esquerda, que perguntou:

– Ah! o César (que era um outro amigo dele) esteve aqui?

Aí eu falei assim:

– Não, não vi.

– Ah não? O quadro, o quadro é dele.

Aí eu fiquei olhando porque o quadro era meu. Daqui um pouco chegou o César e disse:

– O Júlio esteve aqui, o quadro é dele.

Aí me chamou a atenção uma coisa muito interessante, quer dizer o quadro devia ser tão bom, que só poderia ser feito por eles, e eu achei aquilo interessante, porque senti que eu era capaz também de fazer uma coisa igual, então eu podia ser independente, eu não dependia deles.

Isso talvez tenha me ajudado a ter uma maneira meio heterodoxa de relação com grupos de esquerda e já meio desconfiado. Até eu conto um caso nessa entrevista que eu dei na revista **GEOSUL** n.º 26. Onde esses rapazes por exemplo, que foram referências ideológicas para mim importantes, tentam me fazer a cabeça me explicando o que era ideologia, e eu falei para eles que ideologia podia ser uma garrafa de guaraná, e eles ficaram me olhando meio rindo, ironizando. E aí eu disse para eles que eu podia ser uma garrafa de guaraná porque era de uma família muito pobre, e que, por exemplo, a noite tinha o jantar que a minha mãe costumava fazer, que chegava meu tio, era uma família em que moravam o tio com seus filhos [e nós].² E essa tia que me criava, meu pai e eu e minha irmã, formávamos uma família, ampliada, digamos assim, que morava na mesma casa, e eu me lembro que quando a comida era boa no jantar, corria o risco de não ter almoço, então era paradoxo. Então o que minha tia, minha mãe na verdade de criação, o que ela fazia, inteligentemente mandava comprar uma bisnaga de pão, e comprar uma garrafa de guaraná e 100gr de mortadela, para quatro crianças em casa. Então, quando ela chegava e abria o pão, cortava o pão, em quatro pedaços, a mortadela, e abria a garrafa de guaraná, todos nós ficávamos extremamente felizes. Porque nós não só íamos matar a fome da comida, íamos matar também a fome da fantasia, íamos tomar guaraná que a gente só tomava nas festas. E aí eu dizia para eles que a ideologia podia ser uma garrafa de guaraná, e eles

2. Nota do Editor (NE): Todas as expressões entre colchetes são dos editores do texto.

não entendiam, e eu comecei a perceber que eu tinha uma visão um pouco mais consistente do que fosse a ideologia, do que eles, acho que não tem exemplo melhor do que seja ideologia. Então, a minha socialização com a esquerda foi essa.

Aí nos anos 70 sim, 1974, eu começo a militar, e já nessa época eu começava também a ler as obras de autores de esquerda, basicamente aquelas, traduções daqueles russos, marxismo oficial russo, eu me lembro de Fiodor Konstantinov, da **Teoria Materialista da História**, aqueles livros oficiais russos, que, ao mesmo tempo foram importantes para mim, com todo dogmatismo que tinham, eu lia aquilo e deu muito mais um pano de fundo, mas eu já tinha essa heterodoxia de que eu tinha construído por conta própria. E depois em 1974 eu me ligo a um grupo trotskista, a Liga Operária. Que foi, talvez, ali sim eu ia tirando a minha formação teórica.

PS: Formação teórica com base em leitura e grupos de discussão?

CWPG: Leituras sistemáticas. O grupo tinha uma avaliação política, era um grupo que não saiu para a luta armada. Ele avaliava que não estávamos suficientemente inseridos no movimento de massas para ousar uma luta armada, e eu acho que é uma avaliação correta. Tinha uma avaliação de conjuntura de que não adiantava ir para a luta armada. [O que] a gente fazia era nos preparamos teoricamente para entender o mundo, e aí isso era uma coisa muito interessante, eu acho que ajuda a entender um pouco a geração atual. Nós estudávamos marxismo, a gente foi ao Marxismo, porque tínhamos uma preocupação com a transformação social, e que o marxismo podia dar para a gente isso. E esse grupo especificamente, eu acho que isso é genérico, você vai perguntar ao Ari [Ariovaldo Umbelino de Oliveira] é a mesma trajetória, ao Ruy [Ruy Moreira] eu acho que é a mesma trajetória, enfim, que eu me lembre assim de cara, assim, trajetórias que me são próximas. Mas, para pessoas que foram buscar no Marxismo o estudar tinha um sentido de mudança do mundo, não tinha só o sentido de buscar o mercado de trabalho. Isso, acho que é uma distinção da geração atual, acho que é o efeito da hegemonia neoliberal.

PS: Nessa leitura você estava buscando um instrumento, uma arma para a transformação. Que ideias, que conceitos, que mais te marcaram?

CWPG: Eu me lembro que o grupo tinha uma preocupação de leitura de textos clássicos do Marx, lemos por exemplo o **18 Brumário**, coisa típica de marxista, de trotskista, pelo menos não começou com textos econômicos, ou seja, o conceito chave era o conceito de lutas de classes. Isso foi uma coisa para mim muito importante. O primeiro texto lido foi o **18 Brumário**, lemos o **Manifesto Comunista**, e lemos vários



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

textos, por exemplo a **Ideologia Alemã**, foi uma coisa que nós lemos, engraçado, e lemos poucos, isso aí é uma coisa interessante, que não tinha, agora você está me perguntando, eu estou lembrando, nós lemos pouco dos textos econômicos. Isso foi uma coisa interessante, e o grupo era, a gente se reunia assim clandestinamente. Aquele grupo que ia passar férias em Arraial do Cabo, Rio das Ostras, são municípios aqui próximos ao Rio, de balneários, de final de semana, então nós íamos em grupos de dez e passávamos lendo, Sexta, Sábado e Domingo, esses textos e fazendo reuniões de debates, o que foi muito interessante. Foi pela primeira vez que eu vi a importância da teoria, isso foi uma coisa também importante, eu não sabia, como você me perguntou antes, o que eu tinha lido antes de teoria, no máximo o Hartshorne [Richard Hartshorne], texto sistemático, consistente, coerente, o Hartshorne. Que me dava uma ideia, o Hartshorne vem de Alfred Hettner, que é um autor da geografia que vai definir a geografia como o estudo da diferenciação de áreas, isso é o Hettner, e que é aquele tipo de definição talvez mais senso comum do que seja geógrafo. Ou o senso comum do geógrafo talvez seja o Hettner, para dizer que Geografia tem sentido na medida em que a superfície da terra é diferenciada. Se a superfície da terra fosse homogênea não teria sentido para o estudo da Geografia, então o Hettner formula isso, por isso que o conceito de região vai ser o conceito chave para ele, porque a área diferenciada é a região, e é a concepção do Hartshorne, que é interessante que você vai dizer assim, isso é na verdade o senso comum de qualquer geógrafo. Eu diria que o geógrafo e o marxista não negam essa premissa do que seja geografia, um pouco a diferenciação de áreas, pode-se discutir o que produz a diferenciação de áreas, aí que vem toda a discussão da geografia, isto então, o que a gente adquiriu da Geografia foi isso. No caso do marxismo é como se fossem dois mundos a parte, não havia uma conexão entre o que a gente estudava nos grupos políticos para fazer a transformação social e a Geografia. É como se nós fossemos uns verdadeiros, eu só não diria esquizofrênicos, porque a gente não chegava a ser tão maluco assim, mas na hora que você era geógrafo, você era meio geógrafo tradicional. É claro que como a Geografia abria para você dar aula no vestibular sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento, aí você metia lá na sala de aula meio o imperialismo, falava um pouco dessas coisas, que aliás foi outro texto que nós lemos com muita atenção foi “**O Estado e a Revolução**” e “**Período do Imperialismo**” do Lenin, “**Imperialismo: Estágio Superior do Capitalismo**” e tal, eu só me lembro que eram textos muito debatidos no grupo político, então você vê que era basicamente os textos políticos, menos textos econômicos, mas que também não sabíamos muito a conexão disso com a Geografia. Eram dois mundos separados.

PS: Essa sua participação nesse grupo, nessa altura, foi de 1974 até quando?

CWPG: Até 1977, mais ou menos 1977, aí em 77 o grupo racha já, [acho que foi de 1977 para 1978], porque este grupo é um grupo que depois vai se transformar no PST, Partido Socialista dos Trabalhadores, que é na verdade o que está por trás da Convergência Socialista, quando ela é lançada como movimento de massas em 1978. Então a Liga Operária se transforma em PST que lança a Convergência Socialista, que era uma fachada legal, numa frente de massas, digamos assim, de um partido clandestino, e aí o racha que aconteceu em 78 foi que, na verdade, algumas pessoas, como nós propúnhamos a criação de um Partido Socialista dos Trabalhadores, nós inclusive fomos responsáveis empíricos pela criação do PT (Partido dos Trabalhadores), e um militante nosso que é o Zé Maria, que era colega nosso, que você deve ter conhecido, o Zé Maria que hoje é da Federação dos Trabalhadores em Metalúrgicas de Minas Gerais, mas era de Santo André, a gente consegue aqui no Rio, eu participei disto, uma carta do Mário Pedrosa recomendando aos sindicalistas do ABC que criassem um partido político. Essa carta é levada para o Congresso de Lins (1979), isso não está contado na história do PT por preconceito contra a Convergência, isso na verdade é um resgate histórico que tem [que] respeitar. Quem leva a carta para o congresso de Lins é o Zé Maria, carta que nós conseguimos aqui no Rio, do Mário Pedrosa, que é o cara que introduziu o trotskismo no Brasil, pouca gente sabe disso. O Mário Pedrosa, lá nos anos 30, ele vai para a Alemanha, e esse é um intelectual que tem que ser resgatado no Brasil, o Mário Pedrosa, e ele conhece num hospital na Alemanha, isso ele me contou velhinho, conhece alguns militantes russos dos anos 20, ele conhece na Alemanha, que contavam da existência do Trotsky, uma crítica ao Stalinismo, já no interior da esquerda, e ele traz para o Brasil, introduz no Brasil praticamente a discussão sobre o trotskismo. Então era um homem respeitado, aliás, era um homem que era um crítico de arte, era um homem do campo das artes, e tem um livro fantástico, **A Opção Brasileira**, que é uma avaliação do Brasil no interior da sociedade mundial, dessas análises que grandes homens fazem, esses grandes ensaístas, que as pessoas não leem, porque tem uma leitura pouco a partir do Brasil, como Nestor Duarte, como Álvaro Vieira Pinto. São autores que lamentavelmente não se leem no Brasil, são pessoas que pensaram o Brasil, pensaram o Brasil numa perspectiva generosa, de justiça social, quando não a perspectiva de esquerda. A gente conhece mais o Caio Prado Jr., que é um grande desses homens, mas o Caio é um homem que teve sua obra conhecida, foi dono de uma editora, publicou mais, além disso é um homem fantástico. Essa carta a gente consegue, essa carta vai para São Paulo no Congresso de Lins, do Congresso de Lins depois os trabalhadores fazem outras reuniões, e aí avaliam a necessidade, tanto é que o nome do PT é engraçado. O PT é o único partido político que não



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

tem ideologia no nome, [porque] eles ficaram tão refratários à ideia de uma ideologia. O partido é dos trabalhadores, a ideologia é aquela que os trabalhadores vierem a definir, daí é que deu um pouco uma resistência também, porque os próprios trabalhadores tinham reticências à uma esquerda que sempre falou em nome dos trabalhadores sem os trabalhadores. E, na verdade, tínhamos durante os anos 70 a esquerda que saiu para salvar os trabalhadores apesar dos trabalhadores, sem estar enraizada, que legitimava muito a avaliação da Liga Operária, que a gente não estava muito inserido no movimento de massas para podermos fazer a guerrilha, não que nós fôssemos contra a guerrilha como princípio, nós não éramos contra a luta armada por princípio. Nós achávamos que se a luta se assim se apresentar ela será feita, não somos por princípio contra a luta armada. Agora, a luta armada sempre vai pressupor que estão impedindo aquilo que a sociedade está querendo de transformação e o movimento de massas está querendo, se apresentar a gente vai à luta armada, somente por essa razão. É a posição que Marx tinha também. É um nível de civilidade que a sociedade tem atingido, você pode até ter uma revolução por mecanismos não armados, hipótese que o Marx admite, eu acho pouco provável, mas como hipótese está posta. Então a gente tinha, a trajetória política, vai até 78 e 79, aí ela se racha dentro da Liga Operária, Liga Operária já PST, já Convergência Socialista, que quando os trabalhadores de São Bernardo resolveram lançar o PT a gente achava que não tinha necessidade de ter a Convergência Socialista, mas o PST, a Convergência, gostou de ter o controle de uma frente de massa que foi interessante, ali no final dos anos 70, o que faz a Convergência Socialista? Ela continuou mantendo [o grupo político à parte dentro do Partido dos Trabalhadores], porque ela queria ter o controle dentro do PT, e a gente então rachou, aí eu passo a ter uma militância na fundação do PT e dentro do PT, já fora de grupos de esquerda, vamos dizer assim mais organizados, então vai de 74 até mais ou menos 79 e 80, a militância organizada, fazendo leituras de clássicos etc.

PS: E quando que essa sua militância se funde com a geografia?

CWPG: Pois é, isso é interessante. Olha tem umas coisas que alguém tem que recuperar, mas vai ter que fazer trabalho, vamos dizer assim...

PS: Arqueologia!

CWPG: É Arqueologia. Que é o seguinte, eu e o Ruy Moreira temos textos de 75, 76, de introdução do marxismo na geografia.

PS: Esses textos existem ainda?

CWPG: Eu não tenho, não sei se o Ruy tem, Ruy de maneira mais consistente que eu, porque o Ruy tinha uma cultura, uma erudição maior do que a minha. O Ruy, tem que cobrar do Ruy isso, o texto que nós fizemos, por exemplo, para o colégio, para o curso Miguel Couto Baiense de vestibular que são textos arqueológicos, talvez você possa lavar isso. Por quê? Porque a universidade não nos abriu a porta, ou seja, a ditadura impedia que nós tivéssemos acesso, então o que acontece?

PS: O que você quer dizer com “a universidade não nos abriu a porta”?

CWPG: [Terminei] o curso de graduação em 72 normalmente e fui trabalhar, fui ralar aí nos cursos de vestibular basicamente, alguns colégios mais progressistas de 2º Grau, faculdade, mas dando aula na faculdade de economia, dando curso de Geografia Humana e Econômica. Em 78, a PUC (Pontifícia Universidade Católica) abre uma porta para mim, e depois a gente indica o Ruy, o Ruy vai trabalhar na PUC também, acho que um ano depois.

PS: Você foi para a PUC como?

CWPG: Foi um convite, talvez resgatar quem foi exatamente, eu não me lembro agora, não sei se João Rua, não sei.

PS: Uma ligação por dentro da Geografia ou por dentro da militância?

CWPG: Não, aí acho que já foi por alguém que precisava de professor de Geografia, agora tenho que recuperar isto, eu não tenho memória disto, mas foi um contato estritamente pessoal, não foi contato, digamos assim, talvez a gente já se conhecesse um pouco, já estava fazendo o mestrado na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), eu comecei a fazer em 78.

PS: Sobre o que era?

CWPG: A minha intenção primeira era fazer outro tema, mas eu acabei fazendo um trabalho sobre um documento importante, sobre o que cooptou a questão ambiental³, dos contraculturais, hippies, beatniks, um movimento de contracultura do maio de 1968, que é onde a cultura surge, o movimento onde o ambientalismo surge, com uma forte dose de crítica à própria ideia de desenvolvimento, a esquerda ficou meio apavorada, acho que ela também é progressista, a própria esquerda se diz progressista, a ideia de progresso se incorporou de tal forma que se chamam progressista, claro que num contexto muito específico, mas na verdade o imaginário da modernidade fala sempre do progresso. Então a crítica do progresso

3. NE: PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Os Limites do “Limites do Crescimento”*: Contribuição ao Estudo da Relação Natureza e História, 1985. *Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.*



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

foi uma característica, tanto é que vão chamar os ambientalistas, de quererem voltar a idade média. E na verdade não era isso. Eu sou muito influenciado por essas ideias, então eu acabo fazendo o mestrado sobre isso.

PS: Então, você teve uma influência deste mote alternativo, dos hippies?

CWPG: Tive um pouco porque casei-me com uma mulher que tinha um pouco, embora ela militasse na esquerda, a própria esquerda trotskista, ela era muito mais aberta que a esquerda comunista tradicional.

PS: Libertária?

CWPG: Muito mais libertária. A gente por exemplo não via uma vertente economista, a gente via uma vertente mais dos textos políticos de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin, Leon Trotsky. O Trotsky, por exemplo, não se notabiliza por grandes análises econômicas, não há textos do Trotsky sobre análise econômica, muito poucos, aliás há mais das avaliações das dificuldades da União Soviética se montar como país. Aliás já depois da Revolução não tem grandes textos de teoria econômica do Trotsky, são mais a Revolução Permanente, são estes conceitos que ele formulava. Mas a ideia de Desenvolvimento Desigual e Combinado, por exemplo, é formulada pelo Trotsky. Ele formula isso explicitamente num livro belíssimo, “**A História da Revolução Russa**”.

Do ponto de vista acadêmico, pela consistência factual, pela tessitura, você vê essa ideia de Desenvolvimento Desigual e Combinado brotar assim no meio do texto, ele vai falando assim, “na falta de um nome melhor eu vou chamar de Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado”, quer dizer, você vê assim como uma lei, uma teoria, uma formulação teórica, como é que vai analisando um fato e dizendo que não dá para você não considerar que o mundo é desigual e combinado. Ele formula isso para fazer uma ideia que marcou profundamente o Trotsky.

PS: E quando você começa a trazer essa discussão para a Geografia?

CWPG: A gente tenta fazer, mas é como se na universidade fosse proibido.

PS: Mas, e no mestrado?

CWPG: No mestrado também não. O mestrado ainda não era muito aberto para esse tipo de discussão. O Lobato que veio, o Lobato que passou pela geografia tradicional, pela geografia teórica, chamada

também de quantitativa, já começa, vamos dizer assim, a admitir um pouco uma abordagem mais marxista. Eu me lembro que, por exemplo, um texto que pelo menos é meu cartão de visitas assim para essa relação com a geografia, no público, já no ambiente acadêmico da Geografia, foi **A Geografia está em Crise: Viva a Geografia!**, de 1978⁴, e esse texto, aliás isso mostra um pouco essa dificuldade, de uma teoria, de quem se formou fora da Geografia, com a sua formação teórica crítica e tentando trazer para a Geografia, esse é talvez o primeiro texto. Embora que aquele [de 1975/76, citado anteriormente] que eu falei que é meu e do Ruy Moreira, era a gente fazendo num ambiente que podia fazer isso, não seria condenado, porque na universidade era uma heresia você meter as discussões de relações sociais de produção, forças produtivas na universidade, isso na época era rejeitado. Aliás, não só na Geografia, também em outras áreas também nessa época tinha problemas de repressão. Então você pega os textos do Paul Singer, são engraçadíssimos, como ele usa de mil artifícios para usar sinônimos de conceitos marxistas, chama de sistemas, ao modo de produção de sistemas, até você tem que entender os textos dele, “**Economia Política da Urbanização**”, ainda menos, mas “**Economia Política do Trabalho**”, você vê o tempo inteiro ele brigando com as palavras para poder usar uma abordagem marxista sem as expressões clássicas marxistas, é engraçadíssimo, quer dizer trágico.

PS: Mas era necessário na época.

CWPG: Necessário como forma. Aí o que acontece, dentro da geografia eu me lembro que quando este texto foi feito, este texto foi um texto feito como final de curso do Lobato, um *paper*, o curso que o Lobato tinha dado sobre teorias da geografia, no mestrado, e o Lobato é uma pessoa muito estudiosa, é um excelente professor, homem que prepara a aula, então ele trouxe para a gente assim as correntes teóricas da Geografia do século 20, sistematizadas, os principais conceitos, as principais abordagens, o Lobato sim foi muito bom neste tipo de coisa, um belo professor. Acho que quem foi aluno do Lobato deve se sentir um privilegiado. E inclusive quando eu fiz o *paper*, eu introduzi uma abordagem gramsciana. Eu tinha lido alguns textos do Gramsci. Tive acesso a **Questão Meridional**. E um texto também de Maria Antonietta Macciocchi que faz uma análise sobre os conceitos do Gramsci, que eu achei muito interessante, e já comecei a fazer uma mistura de Trotsky com Gramsci. Os trotskistas não gostam muito daquela visão [...], porque eu sempre fui muito heterodoxo. Já desde lá do início. Então eu já comecei a fazer uma junção de Gramsci e Trotsky, eu era trotskista, mas já usava Gramsci nas análises. Se você perceber como se constrói este texto “**A Geografia está em crise: Viva a Geografia**” é uma tentativa de abordagem gramsciana. Porque é em cima do

4. NE: GONÇALVES, C. W. P. (2017). *A geografia está em crise. Viva a geografia!* Boletim Paulista de Geografia, (55), 5–30, novembro de 1978. Recuperado de <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1050>



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

conceito de hegemonia, eu trago para a geografia qual é a corrente hegemônica, do pensamento da geografia, aí eu vou trabalhar com Gramsci, e tentando associar essas correntes hegemônicas nas diferentes fases do movimento capitalista, as correntes da Geografia, tentando estabelecer uma relação entre essas coisas.

PS: Identificando crise da Geografia com crise do capitalismo!

CWPG: Com crise do capitalismo. E crises às vezes de determinadas concepções de Geografia, relacionadas em determinados momentos de mudanças de hegemonia, onde você teria outros recursos, mudanças de padrão de acumulação, de modos de regulação, como dizem os regulacionistas, que são conceitos interessantes, que ajudam você a caminhar pelo empírico. Esse modo de regulação, os regulacionistas – não dá para ser regulacionista, mas o conceito é interessante – eles tentam mostrar que o capitalismo não pode ser visto só como uma coisa que renova, tem modos de regulação que indicam mudanças de hegemonia de classe, no interior do próprio capitalismo e tal. Então, este texto foi feito na época que eu trabalhava com um grupo de pesquisadores em Ciências Sociais, e eu era o único que era geógrafo, que trabalhava com um grupo de Antropólogos, Sociólogos e Filósofos, grupo chamado SOCII que depois vai ser coeditor do meu livro “**Paixão da Terra**”. SOCII que em latim significa companheiros. Eram pesquisadores associados à Ciências Sociais, tentando com um nome só se insinuar uma sigla que não é uma sigla, que só significa companheiros. Então era um grupo basicamente de Antropólogos, Sociólogos e Filósofos, que na falta de um lugar, isso aí é interessante, que em um momento em que a universidade pública não abria concursos, que era um período de ditadura, havia um controle muito forte da universidade, nós encontramos neste centro, nós fundamos este centro como um centro de estudo alternativo.

PS: E era onde este centro?

CWPG: Este centro funcionava aqui no Rio de Janeiro, funcionava aqui, o endereço era ali, num lugar onde os alugueis eram baratos. A gente tinha uma sala, nos reuníamos uma vez por semana e depois oferecíamos cursos sobre diferentes assuntos. Já a partir de 79 eu começo a dar um curso de leitura de Marx, que eu passei durante 7 anos dando desde **A Diferença das Filosofias da Natureza de Demócrito e Epicuro**, que é o primeiro trabalho do Marx até a **Crítica ao Programa de Gota** e as **Cartas de Marx**. Um passeio completo pela obra completa do Marx. Então, eu costumo dizer, eu, quando me relaciono com o marxismo, é com algum conhecimento de causa, pelo menos posso não ter entendido, mas que li, li. Quer dizer, me esforcei para entender.

PS: E aí foi outro tipo de leitura?

CWPG: Foi. Neste centro. Depois foi, passei pelo **O Capital**, passei pela obra completa. Aí era uma tentativa de ganhar consistência na abordagem marxista. Entender de maneira mais ampla, mas para voltar para o texto, para depois você pode pegar essa coisa também. O texto, olha só, o Lobato queria que eu levasse para o Encontro Nacional de Geógrafos (E.N.G) de Fortaleza o texto, um texto de nove laudas, dez laudas que eu havia feito para ele, e eu não queria ir. Que eu achava a AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) um grande grupo de velhacos, uma coisa completamente fora da realidade, um bando de elitistas, conservadores.

PS: Então, você já tinha participado?

CWPG: Da AGB não. Nada, nada.

PS: Aqui também não tinha?

CWPG: Tinha AGB, mas a AGB era uma coisa muito elitista, muito isolada. Que tem um momento também difícil aí. Você tem uma AGB que trabalha na base das assembleias de 100 pessoas, 80 pessoas, nos anos 1940, 1950 e 1960. Nos anos 1970 explode a universidade, a universidade vira fenômeno de massa, antes a universidade era um número de pessoas restrito, então a AGB [que se relacionava a partir de muitos pesquisadores e funcionários] do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), da própria universidade, mas era um grupo restrito que fazia Geografia. Nos anos 70 você tem explosão de universidades, isso não pode ser esquecido dentro da análise, explode a universidade, [ao ponto que eu, de origem operária], vou para a universidade, num período de ascensão, de mobilidade social, muito forte no Brasil. Que é um período de crescimento econômico muito grande. É um país, às vezes você tem alguns fatos geográficos que a gente não leva em consideração: [em] 1960 o Brasil tinha 60 milhões de habitantes, 32 milhões deles eram rurais, 28 milhões urbanos; [o] primeiro Censo que acusa a população brasileira predominantemente urbana é de 1970, então isto é extremamente relevante como análise sociopolítica e altamente geográfica. Porque a sociedade, foi o primeiro Censo, quer dizer, em algum ano dos anos 1960 a sociedade brasileira se tornou mais urbana e, de lá para cá, uma explosão urbana que hoje vai ter cerca de 130 milhões de urbanos no Brasil, 130 milhões de urbanos no Brasil quando eram 28 milhões a cerca de 39 anos atrás, 40 anos atrás, qual país que passou por essa experiência? 100 milhões de urbanos? Partindo de uma base de 60 milhões de habitantes no total [em 1960 no Brasil], eram 28 milhões de urbanos na época, e passaram para 130 milhões [em 2000], isso é uma revolução num



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

país, uma revolução no sentido que transformou completamente a organização da sociedade brasileira. Isso é um fenômeno geográfico e pouco levado em consideração, entendeu? E é um fenômeno que a gente vai analisando e acho que aí perde um pouco a dimensão dos impactos, das especificidades dessas transformações que acontecem no Brasil, então a universidade, é ali que eu estou querendo pegar a coisa do texto. A universidade fica uma coisa ampliada e a AGB continua sendo uma coisa restrita, tinha sócio titular, que tinha que passar por todo um peneiramento, então era muito longe dos estudantes, muito longe e muito restrita, então eu nem conhecia, conhecia muito mal a AGB, e o Lobato estava organizando o encontro de Fortaleza, ele era um dos responsáveis, quer dizer de encomendar textos e tal, e compor mesas, então ele indicou que eu fosse, que ele achou excelente o trabalho que eu fiz, diga-se de passagem, eu estudei os textos que ele mandou. Só que eu fiz minha interpretação gramsciana, ele achou extremamente inteligente a interpretação, ou seja, ele não soube interpretar de uma outra maneira os próprios textos que ele tinha na mão, ele gostou da interpretação que eu fiz, e queria que eu fosse apresentar lá⁵. Mas olha só que coisa interessante, eu achava os debates da geografia teoricamente tão baixos, que eu não queria ir, porque para mim o Lobato não era uma referência de qualidade acadêmica, olha só, embora na Geografia ele fosse uma pessoa conceituada. Então, o que eu faço? Levo o texto para dentro dos companheiros do SOCII, e eles então fazem, para eles fazerem uma crítica do texto, então nós fizemos várias seções de críticas dentro do SOCII e este texto passou para um texto de quase 30 laudas. O texto de 9 que o Lobato recomendou, virou um texto de quase 25, 30 laudas, que é o que está publicado. Mas aí é como se eu fosse buscar o aval que eu considerava legítimo, e olha que esse centro não era um centro marxista, era um centro de pensadores críticos. Pode-se dizer que todos eles [eram] socialistas, mas não era um centro que, por exemplo, se definia por ser um centro marxista. Aliás, isso foi uma briga interna, onde eu, como marxista, briguei contra a que o centro fosse marxista, ou seja, um centro de convivência de pensadores críticos. Um pouco, quer dizer, com a limitação brasileira, um pouco na linha do pessoal da Escola de Frankfurt. Todos são pensadores críticos, críticos ao capitalismo, em busca de uma sociedade socialista. Agora, o espectro teórico, até da Escola Frankfurt, eram até mais marxistas. Embora não fosse uma condição *sine qua non* para a gente, mas Adorno era Marxista, Habermas era Marxista, enfim, estes caras eram, Marcuse mais tarde que vai se desdobrar na escola. Então na verdade, olha só! vou buscar fora da Geografia o aval para o texto. Eu não me sentia seguro, ou seja, quem me legitimava teoricamente eram as pessoas de fora da Geografia. Eu não considerava isto ruim, porque, eu estava preocupado com a questão da transformação social.

5. NE: Trata-se da Comunicação apresentada no 39º. Encontro Nacional de Geógrafos de Fortaleza, julho de 1978: A Geografia está em crise, viva a Geografia! E que foi publicado no Boletim Paulista de Geografia, nº55, p.5-29, em novembro 1978, conforme já citado.

PS: E você foi para o Encontro [E.N.G de 1978 em Fortaleza]?

CWPG: Fui para o Encontro, me dei bem no Encontro, foi fantástica a experiência. Eu me lembro que eu fiz a minha apresentação tendo à minha frente o professor Caio Prado Jr. Caio Prado Jr. pouca gente fala isso, professor Caio Prado Jr. estava em Fortaleza, foi lá assistiu e aqueceu, fez comentários, eu me senti muito bem. Novos geógrafos!

PS: E como é que foi esse encontro? Como é que você viu naquele momento?

CWPG: O Encontro foi um momento fantástico, foi rigorosamente um Encontro. No sentido de pessoas que tinham pensamentos críticos e, sobretudo, os marxistas que não tinham contato entre si, o caso do Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Eu não conhecia o Ariovaldo. Eu conheci o Ariovaldo de textos de uma revista de vestibular que, também, olha só, [tinha a] mesma trajetória. O Ari tinha textos sobre a questão do desenvolvimento [nos quais] facilmente [se] percebia forte influência do Pierre George, e o Ariovaldo publicou em uma revista que tinha ela, que ele pode te indicar se você for entrevista-lo - que revista é essa, de Geografia, que você publicou teus textos? Eu e Ruy Moreira publicamos também, então, tem uma pré-história. Mas a gente nunca esconde, eu acho até que tem um valor histórico. Mas que talvez já houvesse até o esboço. A timidez, talvez vá te ajudar para ver a dificuldade que a gente tinha de introduzir o marxismo na Geografia. O Ari tenta isso, a gente indicava o texto, ele pegava um pouco as teorias de polarização, a relação centro e periferia, [e] o Ari introduzia isto no texto dele, muito bem escrito, diga-se de passagem, e eu me lembro que dava aula com esses textos aqui no Rio também. O Ruy eu conhecia, porque o Ruy foi uma pessoa que eu tinha uma relação já desde 1969, é meu amigo a trinta anos, porque o Ruy foi uma referência política para toda uma geração que estudou no vestibular. Então, depois, as pessoas foram fazer História, já em 69 aqui na UFF. Então a minha namorada na época, depois viria a ser minha esposa, ela estudou História aqui, através de um amigo de História que era muito amigo de Ruy Moreira [e] acabei conhecendo o Ruy, por essa via, fiquei muito amigo de Ruy, o grupo. A gente ficou muito amigo, eu, João Raimundo, que era ex-professor de História, Soninha, que era colega de João Raimundo [e] que se casou com ele, de quem eu sou padrinho de casamento, para você ter uma ideia, e minha esposa, e Ruy e Vera que eram casados na época, nós éramos muito amigos, os seis, os três casais e o Ruy, então, que foi uma pessoa que teve uma enorme influência sobre todos nós. Eu me incluindo nessa relação.

PS: Ele era mais velho?



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

CWPG: O Ruy era mais velho, já dava aula, ou, talvez, seja uns quatro ou cinco anos mais velho, mas quando você tem 19 anos [e] o outro tem 24, ou quando o outro tem 19 e você tem 14, é uma diferença brutal. O Ruy já estava formado, apesar de eu ter conhecido rapidamente o Ruy, pois a turma dele foi obrigada a voltar para completar algumas disciplinas já depois de formada, então eu vi o Ruy passando na universidade como contemporâneo, mas a turma dele já tinha se formado, a turma dele se formou no ano que eu entrei, um ano antes de eu entrar, e depois voltou para fazer uma disciplina sei lá, ou duas, mas eu não conhecia o Ruy efetivamente e politicamente antes daí, então o Ruy também estava saindo numa situação numa parte das pessoas a quem ele era ligado politicamente foram presas, mortas. Então acabou esse grupo de pessoas do ponto de vista de amizade, perdeu um pouco a referência existencial dele. Já que ele perdeu a maior parte dos companheiros dele, uma coisa que marca ele até hoje, coisa dura. Imagina, dirigente, de repente você é o único que sobra um pouco dessa gente, então o Ruy foi uma pessoa muito importante nessa história. [Mas, as] razões pelas [quais] depois a gente passa a ter algumas divergências, mas eu diria que foram por campos, para mim, claramente não políticos. Passavam pelo campo pessoal, eu considero imaturidade dele na época, e ele acabou transferindo para o plano político, eu acho que pisou na bola. Mas essa parte que tem que ser detalhada. Depois a gente já retorna, um pouco mais recentemente uma amizade profunda, sempre tive muito respeito. Eu nunca deixei de ter esse reconhecimento, inclusive de lamentar essa crise que a gente teve um com o outro, a partir de 1980, principalmente 86, 88. Não foi bom para nós, eu acho que nem foi bom para a Geografia também, mas aconteceu, e as razões também são pré-políticas, são limitações de cada ser humano, e misturaram coisas que não podiam ser misturadas, mas enfim isto é menor, e essa trajetória revela um pouco a minha preocupação. Agora outra coisa que eu estava para te dizer era o seguinte: eu tive uma experiência, que talvez ela vai ajudar a fazer o meu gancho de Geografia, que é mais permanente, que eu vou identificar como uma coisa mais permanente. Em 1976, eu comecei a dar aula em uma Faculdade de Filosofia em Campos, no estado do Rio de Janeiro. Era uma faculdade que eu ia para lá sexta-feira à noite, dava aula sexta-feira à noite, sábado de manhã e a tarde, eu acho, e aí voltada, e aí um dia determinados alunos chegaram na sala, os alunos eram de História, um curso de Geografia para o curso de História, uma disciplina de Geografia para o curso de história, eu fui dar aula lá e dando aula lá os alunos vieram pedir, os alunos envolvidos lá com negócio de, não sei se exatamente, de ecologia na época em 1976, mas eu sei que eles se envolveram lá com os pescadores que estavam questionando lá uma obra, de dragagem da Lagoa Feia. Uma lagoa imensa, que tem entre Campos e Macaé, e eles estavam questionando a obra que estava dragando,

estava secando a lagoa. E aí eles fizeram lá um *empate*⁶. Eu diria hoje. Com a linguagem dos seringueiros, aí pararam a obra, criaram uma confusão lá e os alunos parece que resolveram dar apoio, daqui a pouco foram presos, deu uma confusão lá com os alunos, e os alunos vieram me pedir em uma aula se eu podia fazer um parecer técnico, que a Polícia Federal estava exigindo, para legitimar a reivindicação dos pescadores, que eram pescadores e agricultores. E aí foi uma experiência fantástica, está transcrita no **Paixão da Terra**. Sobre o que eu nunca consegui escrever cientificamente, olha as dificuldades existenciais e de diversas ordens. Por que, olha só? Ali eu vi que a Geografia era uma coisa de interesse popular e a questão do meio ambiente era de interesse popular. Porque aqueles pescadores estavam querendo a lagoa para viver. E os meninos reivindicavam como questão ecológica, o direito de os pescadores terem a lagoa. E contra logicamente a obra, porque a obra dragava a lagoa, um pouco em cima da expansão do Proálcool, para poder plantar cana, então um conflito de classes. Então, veja só, juntava para mim duas coisas, o conflito de classes que estava posto, e estava posta também a questão da relação homem e natureza, que é uma das vertentes da tradição da Geografia. Então, essa é a relação que eu já desde o início vou encarar a questão ambiental por essa dupla vertente, entendeu? Eu entro no debate dessa questão, pelo lado dos trabalhadores e percebendo como essa questão podia ser uma questão que ajudava no sentido da justiça social. Então eu conto isso na entrevista da GeoSul, você pode resgatar lá. E eu te diria que isto me marca definitivamente, vai marcar a minha visão de Geografia, ainda não escrita, embora saiu um texto que depois vai ser publicado no Congresso, no Encontro Nacional de Geógrafos de 1980, publicado lá, mas o texto é anterior, chama se **Notas para um entendimento não ecologista da problemática ecológica**. Este texto é de lá, dessa época, onde eu queria interpretar a questão ecológica, uma questão pertinente, mas, não queria uma interpretação ecologista da problemática ecológica, isso me marca até hoje. Eu diria que eu tenho, nesse sentido eu tenho uma enorme coerência. Eu, desde o início, me envolvo com a questão ambiental, valorizo-a, coisa que eu acho que a esquerda recusa, tem dificuldade de tratar, trata de maneira secundária, secundariza a questão [...], e não é à toa que **Paixão da Terra** tem uma bela de uma epígrafe do Marx, que vai dizer que “Do ponto de vista de uma formação socioeconômica superior”, ou seja, uma outra sociedade, “a propriedade da natureza aparecerá tão absurda como a propriedade do homem por parte de outro homem”, aí o Marx diz lá, “nenhum, ninguém, nenhum homem, nenhuma sociedade é proprietária da natureza”. Ele nem fala nenhum homem, ele fala “nenhuma sociedade é proprietária da natureza, ela simplesmente é usufrutuária e tem que deixá-la como “*Bone Patrias Familia*”, ele cita em Latim, para gerações futuras. Isso me marcou, isso é o **Grundrisse**, que é uma afirmação lindíssima

6. **Empate** é como se denominava a luta de Chico Mendes ao liderar mobilizações de enfrentamento para defender os territórios dos povos da floresta e impedir a derrubada da mata por invasores.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

do Marx, que foi um mote para a questão ambiental. Que hoje vai pegar esta babaquice, desse negócio de desenvolvimento sustentável, que diz que a geração de hoje passa para a geração futura, o Marx já dizia isso, mas dizia que para isso era preciso mudar o regime de propriedade. Por isso que, do ponto de vista de uma formação superior, é tão absurdo o homem ser proprietário de outro homem igual, igual era a escravidão, como o homem ser proprietário da natureza, é absurdo isso também, porque ninguém é proprietário da natureza, nem uma sociedade inteira em uma determinada época é proprietária da natureza, somos usufrutuários, e temos de deixá-la como bons pais de família para as gerações futuras. Isso aí é muito além do Relatório Brundtland, que os ecologistas gostam de citar, e com o mesmo espírito e uma colocação lindíssima. Então, para mim, é como se esta experiência de Campos me definisse, me mostrasse que era possível juntar a Geografia com a questão social, mas academicamente ainda era interdito, entendeu? Mas, em 1978, aí escancara a porta, tanto é que o texto anterior **Notas para o entendimento não ecologista da problemática ecológica**, nós só vamos publicar depois de 80.

PS: O que você quer dizer com “escancaram a porta...”?

CWPG: É 1978. São as pessoas que se conhecem

PS: É um Congresso?

CWPG: É um Congresso. É o Encontro de Fortaleza que junta pessoas e faz com que a gente se sinta mais fortalecido, a gente sinta que o Ariovaldo Umbelino faz aquilo, o Armando Corrêa da Silva também estava lá e fazia aquilo, o Armen Mamigonian estava lá, fazia aquilo. O Ruy Moreira tinha ficado, o Ruy não foi. O Ruy continuava achando a Geografia um bando de velhacos, que não contribuiria para nada, o Ruy não foi a Fortaleza. Quando eu volto, foi legal, aí falo da garotada que tomou o microfone, que fez aquela confusão toda lá, e a gente sinalizou que mudava o estatuto, que tinha que abrir a AGB, ali, que a AGB deixa de ser uma entidade elitista para se ampliar, é como se a AGB estivesse ajustando contas. Por exemplo, a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) já era uma grande tribuna para a discussão da problemática da sociedade brasileira, e a AGB não, quer dizer não, por desconhecimento meu, porque segundo o Armen já em Presidente Prudente, em 1972, já foi um encontro meio do tamanho que não cabia na AGB. O Encontro da AGB já não cabia dentro da AGB, o tamanho, já era um encontro meio sei lá, duzentos, trezentas pessoas, quatrocentas pessoas. Parece que Belém em 1974 já foi também um tamanho meio estranho, mas é como se na verdade tivesse, quer dizer, uma coisa aumentando e a estrutura era de sócio titular e que não podia entrar [era limitado o

acesso], em 1978 isso explode. Mas é preciso resgatar essas pessoas, o Armem, por exemplo, é fundamental nisso. Presidente Prudente é o que é, por exemplo, é até uma coisa interessante, a repressão nos grandes centros era tanta que o centro que se destacava como abrigo da Geografia Física era Presidente Prudente. Onde é que a gente foi fazer o encontro da UPEGE (União Paulista de Estudantes de Geografia, 1978)? Foi fazer em Presidente Prudente, entendeu? Quer dizer, porque era difícil fazer, apesar [de ser a] USP (Universidade de São Paulo), apesar do Gusmão que era de fora da universidade, pouca gente cita, que era amigo do Ariovaldo, era quem editava o Boletim Paulista de Geografia (BPG), que era o cara que ia rodar na gráfica, que levava os textos, quer dizer, o Boletim Paulista foi uma referência importante de comunicação de textos críticos.

PS: O seu contato com o Boletim Paulista e essas congregações...

CWPG: Pós 1978, o pessoal me conheceu, abriu as portas, [a partir do] movimento de 1978 eu começo a juntar estes textos.

PS: E você lia os textos do Boletim?

CWPG: Não. Não lia, não lia, não lia, a ditadura esse é um dos principais problemas dela. Então, por isso que eu falo o Encontro de Fortaleza tem que ser usada a palavra no sentido fenomenológico. Ele foi o lugar onde as pessoas se encontraram, onde pessoas que faziam as mesmas coisas não sabiam o que os outros faziam. Eu não sabia que o Ariovaldo [fazia]. Eu li o texto do Ari, mas não tinha contato com ele, o texto dele de vestibular. Daqui a pouco tinha um Armem, mas tinha um Armando Corrêa da Silva também, entendeu? Daqui a pouco estava lá o Caio Prado Jr.. O Caio Prado Jr. era uma figura que estava acima disso tudo. Estava lá e avalizou um pouco, quer dizer, a gente se sentia bem por estar perto dele ali, mas ele era muito discreto, uma pessoa muito fina digamos assim, muito educada, ele sempre acompanhou os encontros da AGB. Isso é interessante, ele sempre foi uma pessoa presente, ele gostava de se chamar geógrafo, esta identidade não lhe cabia mal. A pouco tempo a Folha de São Paulo publicou um texto do Braudel sobre o Caio Prado Jr.. Pouca gente sabe disso e eu também fui saber agora, dos anos 1940, descobriram esse texto inédito do Braudel sobre o Caio Prado Jr., a respeito do livro dele sobre História Econômica do Brasil. O Braudel é um dos poucos historiadores que gostam de Geografia. O Braudel diz no texto que o Caio Prado tem condições de ser um grande historiador porque era um grande geógrafo. E isso é legal. Uma coisa boa. Mas, enfim, é 1978 que abre as portas, [é quando] começa-se a construir uma espécie de um movimento, sem nenhum centralismo. Era um movimento de uma Geografia que estava preocupada com a transformação social.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

PS: Mas isso é uma leitura sua de hoje ou...

CWPG: Não, isso eu te digo que não é de hoje, essa leitura, se é possível fazer esta distinção, se é possível, se é possível, eu te digo que esta sensação eu tenho desde mais cedo, desde a época. Desde a época, eu tinha o sentido de que acabou-se configurando um grupo de pessoas com o mesmo sentido de uma Geografia a serviço da transformação social.

PS: É dessa forma que você resumiria?

CWPG: Resumiria, e estas pessoas não tinham, vamos dizer assim, não tinham uma coisa de espírito de corpo. Isso é uma coisa interessante, não tinham um espírito de grupo, do ponto de vista de que o grupo vai atuar no encontro tal. E se as pessoas dizem isto estão errando, pelo menos da minha parte não havia, nem eu sendo muito amigo do Ruy Moreira. eu não tinha esta preocupação. O Ruy não foi à Fortaleza. Eu fui a Fortaleza... claro o Ruy volta, aí o Ruy vai para UPEGE, para o Encontro da União Paulista dos Estudantes de Geografia, o Ruy vai para Presidente Prudente [1978]. Ali sim a gente vai para um encontro já muito mais hegemônico numa concepção crítica, apesar de ter gente que não era crítico, mesmo dentro do chamado campo crítico, mas foi ali muito importante. Aquilo ali foi que deu um pouco de coesão mínima, a gente viu que a gente tinha um pouco uma cara, foi Prudente. Eu acho legal, porque essa coisa que estava dizendo, a Geografia da Repressão, ela também tem esta característica, o Rio de Janeiro foi muito atingido pela repressão, a USP foi muito atingida pela repressão, entendeu? Então, quer dizer, aqui na cidade do Rio de Janeiro aconteceu a repressão, não no caso da Geografia, mas na História. Eu acabei fazendo um curso de História meio paralelo, pois a minha namorada fazia curso de História, eu vinha assistir, os cursos bons eu vinha assistir, [isto porque] então aconteceu de muita gente ter sido cassada pelo Decreto 477, de 26 de fevereiro de 1969 [Decreto da Ditadura Militar]. Assim, muita gente saía da cidade do Rio de Janeiro e atravessava a Baía da Guanabara e ia estudar em Niterói, e a UFF (Universidade Federal Fluminense) acabou sendo o lócus do pensamento crítico, onde tinha professores que davam aula de marxismo, de história crítica. Então, a gente atravessava a Baía. A minha namorada já vinha para cá [Campus da UFF em Niterói], então ela falava “tem professor bom”, eu vinha assistir o curso dele, entendeu? O professor Ilmar Mattos, professor Francisco José Calazans Falcon, todos historiadores de esquerda, pensadores críticos. Almir Chaiban El-Kareh, foi uma cara que tinha vindo do Chile, lá junto com aquele pessoal todo, que andou por lá com Fernando Henrique Cardoso, esses caras todos, o pessoal exilado. Foi para lá, Chico de Oliveira, esse pessoal todo andou lá pelo Chile. E o Almir Chaiban El-Kareh, apesar de mais

novo, também andou por lá e voltou. Todo mundo queria assistir ao curso dele, então a gente fugia do Rio para vir estudar em Niterói, passou a ser um centro. Foi em Niterói, aliás, onde foi fundado o Partido Comunista do Brasil [março de 1922]. Vamos botar um pouco de Niterói nessa história aí, dá uma história interessante ali. Mas aí foi enfim, esse movimento teve um pouco um caráter... A gente se encontrou ali, e a partir dali a gente faz o encontro de 1980.⁷ Que aí fica caracterizado como o encontro já daqueles que tinham mudado o estatuto da AGB, certo?

PS: E os textos novos começam a aparecer? Por exemplo, “**Por Uma Geografia Nova**”⁸ teve influência em você ou não?

CWPG: Olha, “**Por Uma Geografia Nova**” ele é lançado, me parece, exatamente em 1978 no encontro. Eu te diria o seguinte: foi bom para a gente ter o texto, o texto foi um cartão de visitas, ajudou a gente a sentir que tinha sentido fazer geografia com o pensamento crítico. É basicamente marxista. Embora o texto do Milton Santos nunca apareceu para a gente como uma pessoa de referência enquanto, por exemplo, para quem era marxista ser marxista era uma experiência forte, então como o Milton nunca teve uma definição muito explícita da relação dentro do marxismo, sempre uma relação muito independente, uma relação muito próxima do jeito como eu me relaciono com o marxismo hoje. Pela primeira vez eu consegui começar a entender por que as pessoas criticam tanto o marxismo, pois se a gente passou pela esquerda. Por que que fazem isso? Eu não me sinto desconfortável, por exemplo hoje se me perguntassem você é marxista? Eu falo assim não, mas eu não me sinto nem um pouco desconfortável se num determinado momento da minha análise ela fica completamente marxista, uma coisa muito influenciada, não vejo nenhum problema nisso. Por quê? É necessário entender por quê? Eu, pelo menos, consegui entender por quê. Porque o que me levou ao marxismo foi a minha preocupação com a justiça social, com a igualdade social, onde todas as pessoas têm direitos iguais, enfim a generosidade foi que me levou ao marxismo, e na medida que marxismo podia me ajudar a entender o mundo, para realizar um mundo de igualdade, e um mundo socialista e tal. Se a partir de um determinado momento eu começo a ver determinadas dificuldades dentro do marxismo para dar conta de determinados problemas, eu vou buscar outras teorias. Como se na verdade o físico vai com a teoria Newtoniana até onde dá, mas se ele está buscando determinado problema que a teoria do Einstein explica, vai buscar o Einstein entendeu? Ele foi encontrar-se no Einstein. Então, minha relação com o marxismo é uma relação o seguinte, essas pessoas que criticam o marxismo hoje, na minha opinião, é porque elas não tem mais a preocupação, a mesma preocupação que eu tinha quando fui buscar o marxismo, elas já não querem mais

7. NE: IV Encontro Nacional de Geógrafos realizado na PUC do Rio de Janeiro em 1980.

8. NE: SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Edusp, 2002 [1978].



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

um mundo de igualdade social, elas já não querem um mundo de justiça social, e aí ficam usando pretextos de criticar o marxismo para tentar se justificar que não são mais aquilo que eram, porque o marxismo é isso, é aquilo, aquilo outro, com todos os problemas que tem o marxismo.

PS: Se é que foram um dia?

CWPG: Essa é outra pergunta. Acho que você, alguém já me falou isso, colocou esta mesma questão que você colocou, do jeito que você colocou: Se é que foram um dia? Mas tiveram pelo menos próximos no campo, lutando contra a ditadura juntos, entendeu? É o caso do Fernando Henrique Cardoso, Roberto Schwartz e o Paulo Arantes. As pessoas até questionam se nós não fomos generosos demais na visão do que era pensamento crítico. Marilena Chauí numa entrevista recente na revista Caros Amigos [01 ago. 1999] parece que diz alguma coisa parecida. Então, mas eu acho que este momento, tinha uma preocupação, o livro **Por Uma Geografia Nova**, para mim, não diria que ele teve [...]

PS: Você leu? Nesta época as pessoas leram?

CWPG: Li. Lemos, achamos importante uma tentativa de dar uma visão da formação do pensamento geográfico e porque era preciso uma geografia de um novo tipo. Eu sempre digo uma coisa que o professor Milton Santos não gosta que seja lembrada, mas que eu acho que o Milton levantou para a Geografia porque ele não era formado em Geografia. Esta questão da Geografia com a cidadania, essa Geografia com a questão do direito. Ele é formado em direito. Por que gente da Geografia está se recusando a discutir? Essas já são questões atuais que eu venho pensando. Nessa maluquice que está aí de colocar a garotada toda aprendendo Geoprocessamento como se fosse isso [o que vai] garantir mercado de trabalho para a garotada. Aí a gente confronta isso, aí o pessoal começa a achar que você é contra o Geoprocessamento. Falo assim: vocês estão reduzindo o que eu estou dizendo. Na verdade, por exemplo, você vai discutir hoje a questão da reforma agrária, aí o cara vai fazer um assentamento sem licenciamento ambiental, sabe? É um absurdo, ao mesmo tempo, precisa de ter conservação de beira de rio, enfim, cometem essas coisas, que tentam regular não isso? [...] Tentam regular o uso do espaço, a apropriação do espaço, que é o campo do direito, por que que a Geografia não tem uma relação com o Direito? O conceito de território, ele tem duas origens, uma origem é no Direito [e] a outra origem é na Biologia. Não é à toa que quem trás o conceito de território para dentro da Geografia de maneira teórica é o Ratzel, e Ratzel era Biólogo, Zoólogo, vai pegar Darwin e vai juntar e vai fazer do território a categoria central, mas ele traz da Biologia e do

Direito essa categoria, claro que ela pode ser reinventada. Como Robert David Sack no livro dele, **Human Territoriality**⁹, que é um livro interessante, [e] o próprio Claude Raffestin, eles vão reinventar o conceito de território, mas não pode esquecer que o território é uma categoria, ao mesmo tempo, usada pela Biologia e usada pelo Direito. E no Direito o Milton trabalha isso muito bem, ele navega com muita facilidade diante da questão dos direitos e da Geografia altamente preocupada com os direitos e, no fundo, aquele movimento de 1978 estava preocupado com o que? Direitos? Era um movimento por direitos. Belíssimo trabalho do Eder Sader, **Quando novos personagens entram em cena**,¹⁰ é um texto belíssimo, e isto vai ficar claro. O que a gente queria era a invenção dos direitos. Tem um grande intelectual, que a Marilena Chauí disse que “teve muita influência sobre mim pessoalmente”, que é o Claude Lefort. Que vai ter um livro chamado **A Invenção Democrática: os limites da dominação totalitária**¹¹, que ele fala que essa é a grande revolução que o mundo vem passando desde a Idade Média, que a revolução de fundo de movimentos sociais, da sociedade se organizando para conseguir conquistar direitos, no sentindo de limitar o uso do poder tirano, uma coisa que ele, coloca por aí, não é incompatível, por exemplo, com uma análise marxista, até porque como é que se conquista direitos, se não a partir de movimentos organizados da sociedade. Então, eu diria porque o texto do Milton Santos foi um texto importante para nós, na medida que legitimou pela autoridade intelectual que o Milton tinha, que legitimou uma série de coisas que nós fazíamos. Então, a nossa relação com o Milton sempre foi uma relação um pouco assim, uma pessoa que se respeitava, uma pessoa que sempre escolheu o campo crítico para trabalhar. O Milton, por exemplo, sempre teve uma defesa, mesmo depois que a Geografia foi acusada de mil coisas aí porque era Geografia crítica, foi acusada de mil coisas aí pelo pessoal mais conservador, o Milton sempre teve uma postura aberta a defender a AGB. Sempre teve, e isso é uma coisa que deve ser creditada a ele, e nunca ninguém pediu isso a ele. Foi sempre, ainda a pouco tempo eu conversava com a menina do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), ela dizia assim, não quando o pessoal estava criando a ANPEGE (Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Geografia) o professor Milton Santos era contra, porque, dizia, que quem representava o geógrafo era a AGB, ficou o tempo todo contra.

Enfim, então o professor Milton é uma figura que a gente sempre respeitou muito, primeiro pela inteligência dele, pela capacidade de formular, a ousadia dele, a independência de pensamento que sempre fez com que a gente se movimentasse muito para frente, mas sempre teve por parte da gente, minha, não sei se o Ruy Moreira concorda com isso, uma certa desconfiança porque para ser revolucionário tinha que ser marxista. Eu só mudo isso um pouco, não digo muito recentemente, mas, nos últimos dez anos.

9. SACK, R. D. *Human territoriality: its theory and history*. London: Cambridge University Press, 1986.
10. SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª edição 2001.
11. LEFORT, Claude. *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária*. São Paulo: Brasiliense, 1983.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

PS: Me diz uma coisa, esse movimento que vocês já se entendiam dessa forma Ele a princípio não tem um nome assim, existem várias frases ou palavras que se referiam a ele, e ele guardava dentro dele diferenças muito grandes ou não? Ou você acha assim que tinha uma questão que era um núcleo, que era o centro, que vocês fechavam naquele ponto e naquilo que era referência ou ainda era talvez um guarda-chuva?

CWPG: Eu acho que essas coisas têm que só tomar cuidado com as expressões, a expressão guarda-chuva pode ser uma coisa para acobertar, não era isso. Na verdade, era um sentimento difuso, quer dizer que ao mesmo tempo tinha um sentido de pertencimento, ou seja, aqueles todos que se colocavam contra uma Geografia Tradicional, é discutível, mas fazia uma crítica ao positivismo, era talvez uma coisa mais do que a gente era contra.

PS: Uma crítica à Geografia Tradicional!

CWPG: E às correntes positivistas da Geografia!

PS: Que críticas eram essas?

CWPG: Por exemplo à tradição, inclusive das críticas que depois vão fazer às chamadas Geografias Críticas, de alguma forma pertinente, é que na crítica ao empirismo, a gente jogou [fora] junto [com] a crítica a [referência] a qualquer trabalho empírico, confundiu duas coisas bobocas, você vai pegar essas entrevistas aqui e vão se transformar em fatos, que você vai tratá-los empiricamente, entendeu? A ciência não se faz sem empiria, com alguma referência empírica, embora você possa fazer. Einstein formulou uma série de coisas que foram ser comprovadas anos depois. Parece que ele intuía, mas a partir de algumas referências empíricas, teóricas, mas enfim, a ciência tem essa relação permanente da teoria com a empiria, afinal de contas ela está tratando é da realidade. Mas a crítica ao empirismo, a crítica ao positivismo era de uma Geografia que não era capaz de ir além do fato, não entendia que os fatos eram feitos, ou seja, que existia um processo de produção nesses fatos, de um modo, a crítica, por exemplo, à uma redução naturalista da Geografia, que era uma outra coisa que a gente criticava muito, que era até então chamado de Determinismo Geográfico. Mas a gente enfatizava muito o reducionismo naturalista, a gente criticava muito uma recusa da Geografia a admitir as sutilezas sociológicas, antropológicas e políticas do homem na Geografia. O homem na Geografia é o *homo secundum gene*, aliás isso, acho que uma avaliação criteriosa como você está pretendendo fazer da condição da relação dos conceitos de segunda natureza... como é que o homem aparecia antes na Geografia? Isso é uma coisa que talvez o início, isso que eles já chamavam de

pensamentos crítico na Geografia pós 1978, que era por exemplo a crítica a concepção de um homem genérico, que recusava a ver as sutilezas que correspondem aos processos sociólogos, antropológicos e políticos, quer dizer o homem é um ser complexo. E o homem é o que, o homem na Geografia, é quase que habitante, é uma densidade demográfica, é um número, é alguém que migra em número. A seta da imigração vai ser mais grossa ou mais fina. Vai ser uma questão de intensidade, de densidade, mas não tem, digamos assim, vou usar uma expressão provocativa, não tem uma humanidade naquilo, tem uma quantidade, não tem uma qualidade humana distinta, é o homem genérico. Aí a categoria de relação social é muito forte, pelo menos para mim, e eu acho, eu na minha leitura desse movimento e das categorias, o que rompe? Quando o homem já não é visto como genericamente, o homem é parte social, o homem é distinção social, o homem é conflito, o homem é [...], entendeu? Talvez tenha que raciocinar assim, pode ser que alguma vertente da Geografia vá valorizar muito mais a questão das forças produtivas. Mas também você vai entender um pouco a minha origem no Trotsky, nos trotskistas que vão pegar a questão da política, então você, é como se você tivesse dois marxistas, o marxismo das forças produtivas, mais economistas, o marxismo das relações de produção. E acho que vai dar duas Geografias distintas, uma Geografia que vai privilegiar o espaço como categoria da Geografia, que vai pegar, não é à toa que o Milton Santos vai ser o principal protagonista dessa tendência, que vai privilegiar a questão da técnica como uma questão central, e o marxismo das relações de produção, que vai privilegiar a categoria de território, acho que esta é a grande distinção. Aquela Geografia que já estava, você olhando retrospectivamente já estava, mas isso tudo é um pensamento crítico, você não [é para] dizer que o Milton não [...] [era] crítico, ele é crítico. O Milton hoje já tenta trabalhar a ideia de sistema de objeto, sistema de ações. O que seria [do sistema] de ações senão o sistema de relações sociais, não é? Mas o que pega no trabalho dele, e esse é um esforço que eu gostaria de ver alguém fazendo, alguém com o mesmo estatuto intelectual do Milton, uma pessoa que tenha a capacidade de formulação que o Milton tem, e que se dedicasse a tentar explorar, o tal sistema de normas do texto dele, acaba sendo, sistema de ações, acaba sendo menos que o sistema de objetos. Quando ele fala “o espaço são sistemas de objetos em cima de ações”, acho que ele, ao privilegiar a técnica, ele acaba indo mais pelo sistema de objetos e, no final, aparece os pobres como tempo lento, como sendo a possibilidade de uma outra percepção, são intuições fantástica do Milton. E eu, por exemplo, me identifico muito com elas, mas a minha dificuldade está em tentar explorar uma coisa que o Milton muito inteligentemente, muito habilmente vem evitando fazer, e às vezes ele dá umas porradas numa garotada que cobra dele onde que está a luta de classe dentro da obra. Ele dá uma resposta inteligente, mas evasiva, que ele diz o seguinte: O



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

nome luta de classes não é luta de classes. É como se ele dissesse o seguinte: A luta de classes tem nomes, como se ele dissesse e não diz, quais são as classes em luta, pois a esquerda fica dizendo que é a burguesia e o proletariado, que não aparecem na obra, aí você pega na obra de boa parte da esquerda, fala de uma burguesia e de um proletariado também genéricos, que não vão entender, por exemplo, as categorias de modo de regulação. A burguesia não é homogênea. Por exemplo, do ponto de vista da Geografia, se o capital que vai para a Amazônia é o capital pecuarista, que vai com o fazendeiro capitalista para explorar o gado, ou se é, por outro lado, o capital ligado a biotecnologia. Isso repercute numa organização do espaço da Amazônia que é completamente distinta, mesmo se ambos são capitalistas: um, o capital da biotecnologia, vai querer preservar a floresta, vai apoiar Índio, vai apoiar seringueiro, vai apoiar ribeirinho; o outro, o fazendeiro capitalista, bota todo esse pessoal no chão, expulsa todo mundo. Olha, só não dá para você dizer que é o capitalismo em geral, a burguesia em geral como categoria genérica. Se você não fizer esta distinção para a Geografia... por isso que eu falo: a Geografia tem uma necessidade de empiria que as vezes as pessoas não tem, porque a nossa crítica violenta ao empirismo tinha que ser feita também, não tem que jogar fora não, mas tem que ser visto, ao mesmo tempo, que a gente tinha que retomar o trabalho empírico.

PS: Que era uma crítica política também?

CWPG: Que era uma crítica política! Que era o cara que queria quase colocar o fato tal como o fato, como se fosse o cala boca da discussão teórica e política. Era isso, por exemplo, que os empiristas falavam para gente também: os fatos são fatos e ponto, não tem história, não tem devir, não, porradas neles, e o pau quebrou. Então o debate teve a polaridade necessária do embate político.

PS: E de quem estava no poder na Geografia também?

CWPG: Sim, dessas pessoas.

PS: Nas universidades?

CWPG: Sim, sim, teve isso, é isso que você está falando, tem a ver. Agora a gente tem também que reler isso, o que significou isso para a gente. Na verdade, eu acho que o Ariovaldo tentou escapar um pouco disto. Porque ele foi uma pessoa, por causa da questão agrária, um pouco sob a influência do José de Souza Martins, ele pegou um pouco do trabalho de campo que é uma coisa da Geografia Tradicional, ou uma prática tradicional da Geografia. Talvez de fato deve-se falar assim, isso é uma coisa que a gente está tentando

resgatar, portanto o trabalho de campo na Geografia é fundamental. Agora o professor Orlando Valverde usava uma expressão que a gente deveria retomar: “Não adianta ir para a paisagem com olhar bovino”, como se você tivesse lá mexendo a cabeça e balançando o tempo todo, pois se você não entendeu nada, se você não tem teoria você não vê nada. Aliás, faltou aqui uma referência histórica importante. Que foi o professor Orlando Valverde, foi uma pessoa importante para mim, o professor Orlando me entregou, me deu, [...] depois para o Ariovaldo também, depois eu soube.

PS: Que importância foi essa?

CWPG: Orlando Valverde, em 1973, ele me recomendou que eu lesse Kautsky, **A Questão Agrária**. Ele falava: “Só assim você vai entender a dinâmica do campo”, etc. Então, num livro importante, o Kautsky tentou sistematizar a teoria da renda, tal como Marx havia desenvolvido, num livro que o Marx não publicou em vida. Não sei se você sabe, o Kautsky foi herdeiro testamentário do Marx e do Engels.

PS: Orlando Valverde foi seu professor?

CWPG: Ele não foi meu professor. Uma vez fui a um trabalho de campo que uma amiga dele, de quem eu era uma espécie de monitor, e ela muito amiga dele, me recomendou que eu fosse, em Barbacena na Zona da Mata mineira. Então eu fui trabalhar com ele nessa época, e aí ele me recomendou a leitura do Karl Kautsky como uma referência teórica importante, o Orlando tem esse mérito. Ele foi um sujeito que legitimou também a ponte entre a Geografia e o marxismo, mas como ele também era marginal, não teve acesso a academia também, só no final dos anos 1970 ele vai dar aula na PUC, ficou sendo geógrafo do IBGE e envolvido com alguns trabalhos de campo no IBGE, uma pessoa que teve essa trajetória, quer dizer ele também teve limitações muito sérias. Foi um homem sempre muito posicionado politicamente, com as grandes bandeiras nacionais, enfim, sempre em torno dessa questão nacional, Mas ele foi uma pessoa muito importante para a gente. O Ruy Moreira também reconhece isso, como fosse dando um aval para a gente. A dificuldade era essa, o marxismo era visto pela Geografia na academia como uma não-teoria, como na verdade uma coisa de comunista, uma coisa muito preconceituosa, não entrava na universidade. Esse preconceito não acontecia só com Marx não. Eu me lembro que, no final dos anos 1970, início dos anos 1980, na PUC, no curso de Psicologia não se estudava Sigmund Freud, para você ver o nível de limitação intelectual. Claro, Freud tem uma relação extremamente dura com a igreja, então obviamente a PUC, por razões ideológicas também, bloqueava Freud. Isso dá um pouco a ideia do provincianismo que



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

reinava na discussão teórica da Geografia, não admitia o embate com Marx, por exemplo. O pior é que não foi só no Brasil, foi no mundo inteiro.

PS: E nesse primeiro momento, começa, no final da década de 70, uma distinção mais forte entre Geografia Física e Geografia Humana também, não só na Geografia Crítica, mas na Geografia Tradicional, mas a impressão que dá é que a Geografia Crítica se assenta mais na Geografia Humana. Como que você acompanhou isso aí?

CWPG: É, isso aí acompanho, isso talvez seja difícil para eu tentar, eu mesmo reconstituir as minhas posições com relações a isso. Porque eu como vinha pela questão ambiental também, pela experiência de campo, que foi muito forte para mim, então eu já valorizava a questão ambiental como uma questão pertinente. Isso talvez tenha feito eludir uma discussão que eu acho que precisaria ser repensada. Eu acho que há uma acusação de que a Geografia Crítica discriminou a Geografia Física. Eu acho que essa crítica é uma crítica parcialmente verdadeira, porque eu acho que o que aconteceu foi uma tentativa de ver a questão ambiental, para muitos, como sendo a maneira de tratar a relação homem e natureza, sociedade e natureza, eu diria que esse teria sido meu caso. Então eu sempre tive uma abertura para conversar com os geógrafos físicos, mas desde que fosse para discutir a relação sociedade e natureza, porque é a tradição da Geografia, um paradigma da Geografia, esse paradigma da relação homem-natureza, uma das vertentes teóricas da Geografia da relação homem e meio. Pois bem, como a gente tinha também dentro da Geografia alguns geógrafos físicos que militavam como geógrafos físicos pela esquerda, faziam Geografia Física enquanto pesquisadores e eram geógrafos críticos porque participavam de lutas políticas de esquerda, aí vão os exemplos, Cláudio de Mauro, de Rio Claro, Walter Casseti, que a gente vai conhecer depois, de Goiânia, a Vanda Claudino Sales lá de Fortaleza, o próprio Francisco de Assis Barbosa que embora seja da sua geração, tem mais ou menos a tua idade, também era uma cara que veio da Geografia Física, continua no clima, depois a gente vai conhecer também a Dirce Suertegaray, do Rio de Grande do Sul, todos geógrafos físicos, mas pessoas que militavam na esquerda. E todos eles meio que um pouco, vinham da Geografia Física, entravam no debate crítico pela questão ambiental, então o que aconteceu, ficou parecendo que a gente discutia, se fosse questão ambiental tudo bem! Porque discutia a relação de sociedade e natureza, novamente estava toda a base da discussão marxista etc., isso foi fazendo com que na verdade a temática da Geografia Física tivesse sido muito secundarizada no debate, então o que eu vejo hoje, acho que a gente cometeu alguns equívocos aí. Eu penso, por exemplo, e aí foi um pouco depois da leitura do Michel Foucault

que ficou mais claro para mim isso. Se a gente considerar, e o Foucault concorda com isso, com essa premissa, que acho que é uma avaliação que uma leitura marxista ajuda, que é por exemplo, como a ciência foi se tornando cada vez mais uma força produtiva, um exemplo dos transgênicos é o mais evidente, como a ciência capturada pelo capital, e as forças produtivas capitalistas incorpora a ciência cada vez mais, isso que eles vão chamar “o conhecimento se tornando uma força produtiva”. Se assim for, cada vez mais o cientista especializado fica cada vez mais sendo necessário para a discussão política, e é inescapável, por exemplo, essa questão dos transgênicos, como é que você entra no debate, que é o capital querendo monopolizar, a Monsanto está monopolizada, isso eu sei, mas como é que eu discuto isso, por exemplo, sei lá, que tipo de semente ela está querendo produzir, daqui a pouco é semente Terminator. Tem que saber essas categorias, você planta uma coisa e a semente parece que não germina mais, se você não souber o que é Terminator, como é que biologicamente produz essa biologia molecular maluca que esses caras inventaram, como é que você vai discutir, vai para o embate político? É como se o conhecimento especializado, aquilo que a gente criticou lá, que a gente criticou como sendo um conhecimento parcializado, que perde a visão do todo – crítica correta -, só que, como disse lá o Marx, o homem faz a história, mas não nas circunstâncias que escolheu, mas sempre em circunstâncias determinadas. As circunstâncias determinadas é que a ciência parcializada é capturada pelo capital e te obriga a você ter o contra-conhecimento especializado para também discutir o todo, então isso me faz hoje, por exemplo, discutir lá com o pessoal dos acampados, dos assentados, que estão fazendo luta pela reforma agrária. Hoje os caras estão querendo saber como é que eles plantam, como é que eles podem, como é que gerenciam o espaço, como é que tem água disponível, onde é que tem, aí não tem geógrafos de recursos hídricos, que isso não é Geografia Crítica. Assim, a gente acabou desqualificando aqueles que fazem este tipo de pesquisa, como se aquilo não fosse uma Geografia Crítica, pode até nem ser Geografia Crítica, mas é um conhecimento necessário para a humanidade, tem uma legitimidade. Eu te digo mais, mesmo que esse sujeito não seja crítico, esse conhecimento que ele está produzindo, e a gente tem que lutar para que ele produza, vai ser fundamental para humanidade e para a gente que vai fazer o debate político e vai precisar deste conhecimento, independentemente deste rapaz fazer ou não o debate político. Eu não sei como alguém pode fazer Geografia sem ter um conjunto de informações extremamente bem sistematizada, sobre a Climatologia, sobre a Geomorfologia, sobre a Biogeografia - um campo que lamentavelmente, engraçado, que a Geografia parece que abandonou, nunca ele foi tão discutido politicamente, a questão da Biogeografia, a questão da biodiversidade -, um escândalo, cadê os geógrafos da Biodiversidade? O que a teoria da mais valia esclarece



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

sobre a biodiversidade? Não ajuda entender? Acho que o aluno tem que entender a teoria da mais valia, tem que ter economia política, agora o garoto não estava entendendo nada de biodiversidade, e é a Biogeografia, e nunca o Biólogo discutiu isso, o pessoal está lá com uma biologiuzinha de uma planta, Biodiversidade, visão de conjunto, sempre foi coisa de geógrafo, e cadê o biogeógrafo brasileiro? O país que tem mega biodiversidade e não tem biogeógrafos, o que será da biodiversidade da sociedade brasileira, de jogar com esse trunfo, na atual fase da evolução do conhecimento, claro incluído no capitalismo. Essa questão está posta, e a gente tem que ter bons biogeógrafos, e te digo mais, independentemente de ser crítico, o conhecimento desse cara hoje, tem que produzir este conhecimento, a humanidade precisa que se produza este conhecimento, a humanidade precisa que se conheça isso com qualidade. Acho que a gente confundiu duas coisas: a gente condenou a quem não estava no campo da revolução, no campo da transformação social, e desqualificou que quem não estava neste campo tem direito a pesquisar aquilo que está pesquisando, se não discutir abertamente o seu interesse social. Eu acho que hoje a gente está vivendo coisas complicadas, onde eu vou criticar, eu acho que na formação do geógrafo isso tem que estar fazendo parte. Agora, tem que discutir a questão da ética. Como é que o cara pode gerar o conhecimento na verdade e não discutir o sentido da responsabilidade social dele? Agora se o cara dá um bom curso de recursos hídricos, pode ter, mas pode ter também um curso também sobre a ética, sobre o uso do conhecimento, por que, senão, vai dar em Hiroshima e Nagasaki, ou seja, será que dá pra ter ciência sem consciência? Ciência sem saber qual o destino do conhecimento? A quem vai servir o conhecimento? Será que dá? Agora, a discussão da ética do conhecimento, da ética do uso do conhecimento é uma discussão [que] tem que ter, o aluno tem que ter essa discussão política, ética e política na construção do conhecimento, mas, ao mesmo tempo, tem que ter um professor bom de recursos hídricos, podendo até ser um cara antiético.

Acho que a gente confundiu assim um pouco essas coisas, agora eu acho que a gente foi um pouco responsável por achar que quem fazia Geografia Física não era importante, a não ser que o sujeito que fizesse Geografia Física fosse um sujeito que militasse no movimento da Geografia Crítica, ou seja, a questão da transformação social que era a chave, e aí quem não estava na transformação social era desqualificado e tal.

PS: Então, aí eu volto numa questão, não sei se você pode, talvez a gente possa falar mais um pouco agora, pois estava muito forte mesmo nesse movimento a ideia de transformação, estava praticamente em todos os textos que se propunham uma Geografia de transformação, de transformação da própria Geografia e transformação da sociedade. Como você avalia a realização dessa Geografia?

CWPG: Eu avalio, vou dar um exemplo, você vai achar até meio esdrúxulo o que eu vou dar, eu acho, um exemplo de mercado. Que seria o maior contraexemplo que a gente poderia dar. É só ver o que se publica hoje em Geografia e o que se publicava em 1978, não tem papo, não tem papo. Antes publicava Pierre George, na melhor das hipóteses, e Yves Lacoste. Yves Lacoste e Pierre George entendeu? E, no Brasil, Aroldo de Azevedo, o que se publicava mais? O que se publicava no Brasil? O que se tinha disponível? Publicaram mal e porcamente o Hartshorne, que foi traduzido lá no final dos anos 60.

PS: Mas isso não é uma mudança das publicações de forma geral, do mercado?

CWPG: Não, eu acho que na verdade, eu me lembro por exemplo, quando você procurava um editor para publicar Geografia, ele falava: Geografia não vende. Não vende porque a Geografia não era um lugar de grandes debates teóricos e políticos, não era. Nós é que provocamos isso na Geografia brasileira. Isso ninguém pode tirar da gente. Nós criamos a polêmica, nós polemizamos, nós abrimos o debate com a sociedade, nós fomos para o debate com os economistas. Hoje os economistas sérios citam os geógrafos com seriedade, os sociólogos sérios vão buscar a Geografia, os arquitetos sérios vão buscar a Geografia, os historiadores sérios acompanham o debate da Geografia. A Geografia tem hoje, vou citar dois exemplos: o Milton Santos é hoje, junto com a professora Marilena Chaui, um dos intelectuais brasileiros de maior visibilidade. Eles são, mantidas as proporções, no Brasil aquilo que é o Noam Chomsky a nível internacional, o Noam Chomsky o intelectual de maior referência mundial hoje. Pois bem, no Brasil a referência é sem dúvida o Milton Santos e a Marilena Chaui que vem da filosofia. Agora, porque com o Milton Santos isso, o Milton na verdade é hoje audível fora da Geografia, ele é ouvido fora da Geografia, porque a Geografia começou a falar coisas que são de interesse das sociedades, porque senão ele não é ouvido. Quando você abre a televisão liga lá o programa Roda Viva, liga a TV Cultura, pega a Revista Isto é, pega a Revista Veja, pega o Globo, pega o Jornal do Brasil, pega a Folha de São Paulo, está lá o Milton Santos toda hora escrevendo em alguma desses lugares, por quê? Por que o Milton é um gênio? Isso é parte da verdade, não se produz um gênio da qualidade do Milton num terreno árido, num terreno onde não tenha debate político ou um debate teórico mínimo, e é esse debate que produziu um Milton e, obviamente, ele o cumpriu com a inteligência dele. A mesma coisa, não se produz um Celso Furtado num terreno árido, não se produz um Chico (Francisco) de Oliveira num terreno que já não tenha já um debate anterior, tem uma qualidade de debate na Sociologia brasileira, na Economia brasileira e na Geografia brasileira, e essa Geografia Crítica que não é só brasileira. O Milton traz inclusive



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

essa experiência da França, traz esse debate com os americanos, com os canadenses, com os venezuelanos. O Milton é um pouco essa pessoa, que o exílio proporciona contraditoriamente isto, que ele pudesse ter entrado em contato com uma série de geógrafos e pensadores críticos e ele, com a inteligência dele, apesar de ser fruto dessa comunidade geográfica, começa a discutir sua relação na sociedade. O outro exemplo, professor Aziz Ab'Saber, que é uma pessoa que não se identifica muito com o movimento da Geografia Crítica, mas o professor Aziz Ab'Saber, como geógrafo, sabe que se a Geografia não tivesse o mínimo de respeitabilidade ele não seria presidente SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). A SBPC é suficientemente elitista e ciosa na sua qualidade de entidade científica para não permitir que um sujeito de uma área científica sem legitimidade seja presidente da SBPC e, quando o professor Aziz Ab'Saber é presidente da SBPC, é porque na verdade vem de uma comunidade científica que se legitima pela qualidade dos profissionais e dos intelectuais que produz, então são dois exemplos, o Milton e o Aziz. Eles são o que são, apesar da genialidade deles, mas é mais do que a genialidade deles, são pessoas que eu considero assim fantásticos e geniais e de uma inteligência rara, mas essa inteligência teve um terreno de debate onde ela se forjou, do contrário não seria, e, no caso do professor Aziz, não chegaria onde chegou, se não tivesse uma ciência já legitimada.

Só um último exemplo, o curso de História, o que foi aberto agora, o curso de história, de pós-graduação em História na UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), Mato Grosso, relacionado a Campinas e a USP também, com convênio e tal, tem a área central temática, a área de concentração temática que é Espacialidade, Territorialidade e Fronteira. Como são estados onde a história é muito atual, vem um pouco a definição de Geografia do Pierre George, “a Geografia, o espaço geográfico é a história atual. É o tempo da história”. Então, no Mato Grosso, a história se confunde com a Geografia de maneira muito forte, está aí a temática. Eu acho que isso já é a importância da questão do espaço, do território, para a sociedade como um todo, a ponto que até pessoas de outras áreas estão estudando a questão. Mas eu acho que o Milton é responsável por isso, por ter tornado visível a importância da espacialidade ou da territorialidade, aí entra a territorialidade, nos dias que correm.

PS: É possível dizer que essa fertilidade, esse terreno fértil, esse debate, que foi suscitado, em determinado momento ele vai se exaurindo, e aí o que há, a partir daí são as pesquisas e as linhas de pesquisas, cada um seguindo o seu caminho, aquela centralidade do debate se encerra? O que você acha disso?

CWPG: Eu acho que essas coisas tem uma relação muito forte com as lutas sociais como um todo, e não podem ser analisadas

separadas disso. Eu acho que elas sofrem esse empuxo do próprio movimento da sociedade brasileira em busca de democracia, da justiça social. Ela vai significar por exemplo a crise que muita gente entra no período pós queda do muro. Onde muitos que estavam muito seguros nas suas teses e teorias, sobretudo quem tinha uma versão do socialismo oficial, digamos assim, sofre um baque muito grande. Há um retrocesso dos movimentos sociais que parece que perde o rumo da sua crítica ao capitalismo, com a crise do Leste Europeu. Então, alguns vão ficar mais dogmáticos, porque vão acentuar muito mais o dogmatismo em função disso, mas obviamente que o debate dos anos 1990 por exemplo, ele perde muito, porque eu acho que ele reflete um pouco o refluxo das lutas sociais como um todo, e uma certa correlação de forças muda extremamente. Eu acho que alguns permanecem no mesmo lugar e alguns permanecem na sua busca de pensamento crítico. E eu penso que esse momento que a gente está vivendo agora é extremamente rico na de busca de identificação dessas diferenças, de posturas da crítica do capitalismo, coisas que de certa forma os anos 1990 perderam, e eu acho que a Geografia, embora a gente tenha tido, digamos assim, em 1994 por exemplo, em Curitiba, o encontro da AGB [E.N.G], é um encontro talvez assim que mostra o aspecto de correntes diferenciadas, que surgiram a partir dessa crise, das chamadas Geografias tradicionais, positivistas e mais empiristas.

PS: Que correntes você elencaria?

CWPG: Você começa a ver o surgimento de uma Geografia, onde alguns vão trabalhar em uma vertente da Fenomenologia. Que, que por exemplo, vai ter um crescimento, quem traz um pouco a Geografia da Percepção para o Brasil é o pessoal mais conservador de Rio Claro, o Antônio Olívio Ceron e a Livia de Oliveira, uma mulher absolutamente acrítica, enfim e que você vai ter nos últimos tempos uma Fenomenologia muito mais de influências do Merleau Ponty, que no Brasil passa por exemplo, por pessoas como Marilena Chauí, que mostra que uma Fenomenologia não é necessariamente uma coisa conservadora como a Livia de Oliveira formulou. Pessoas que vão trabalhar um pouco mais influenciadas por um pensador como Foucault, isso aparece também no encontro de 1994 em Curitiba. O próprio marxismo fica sendo visto no plural. Aquilo que eu chamei de marxismo de forças produtivas, marxismo das relações de produção, que na Geografia vai ser o marxismo que tem o espaço como categoria central e uma Geografia que tenha as relações de produção e o território como categoria central. Há o texto, acho que ele é de 1986 de um menino aqui do Rio de Janeiro, Marcelo José Lopes de Souza, que eu acho um texto importantíssimo para criticar uma Geografia de inspiração Estruturalista que, na minha opinião, foi a hegemônica, que entrou um pouco via Althusser, Marta



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

Harnecker Cerdá, lá nos anos 1970, 1980. O Ruy Moreira repensa isso hoje, mas ele é bem originário disso. O Ruy vai colocar quase que o espaço como instância. O Milton vai chamar o espaço como instância, então tem instância jurídica, política, ideológicas, são instâncias, e a instância espacial. Daqui a pouco algumas pessoas vão começar a ver a luta entre instâncias, não tem lutas de classes nessa teoria.

PS: A luta dos lugares?

CWPG: A luta das instâncias. Então, o Marcelo Lopes de Souza, da UFRJ, um menino, que criticou isso com uma inspiração em Cornelius Castoriadis. Mas as pessoas rejeitam, rejeitavam um pouco, e eu, por exemplo, venho dessa tradição, vou, por exemplo, conviver com o marxismo, com Castoriadis, com Foucault, eu vou ter uma trajetória passando por esse caminho. Depois vou encontrar com Pierre Bourdieu, eu vou me encontrar com todos aqueles que me ajudam a pensar a questão da luta de classes, acho isso uma coisa interessante, e vou reencontrar com uma pessoa que eu sempre tive uma boa relação intelectual, que não conheci pessoalmente, que foi o Thompson, talvez seja o que eu tenha de mais [...] quer dizer, o meu vínculo com o marxismo hoje, sobretudo, é o vínculo com Edward Thompson. Que é aquele que põe as lutas de classes como conceito central da história. Ele vai pegar o marxismo [...], por exemplo eu recomendaria a você que está querendo pegar essa discussão, na minha opinião, para poder entender o debate, e do meu ponto de vista se você quiser entender a crítica daquele marxismo que predominou na Geografia, você leia **A Miséria da Teoria** do Thompson¹², se você não conhece o livro tem que pegar emprestado para ler. Este não deixa sair daqui, é um livro, tipo assim, bibliazinha. Que é um livro que é um panfleto, na verdade, que dá porrada no Louis Althusser. Eu diria que essa Geografia de inspiração, esse marxismo de inspiração Althusseriana, estruturalista, inventou o conceito de prática teórica, porque não tinha outra prática para fazer. E vai ter uma Geografia que vai se aproximar muito mais das lutas de classes concretas, entendeu? Que eu vou ver aqui, que eu vou ver, por exemplo, contraditoriamente, eu vou ver o caso do Ariovaldo, que é um cara que vai buscar os movimentos camponeses, como uma fonte, e que geralmente era ligado aos movimentos camponeses, o Bernardo Mançano Fernandes parece que vai ser meio cria do Ariovaldo. Tem gente que vai trabalhar com o Ariovaldo, mas vai ter a cabeça vinculada a pessoas que não tem uma proximidade ideológica com o Ariovaldo que é o caso do Antônio Thomás Jr., mas vai ser influenciado pelo Ari, vai pegar a empiria, vai pegar o trabalho empírico. O Ari jogou esse pessoal para fazer isso. O Thomás, por exemplo, vai ter um pouco essa influência, essa ambiguidade, entendeu? Ele vai ficar com cabeça

12. Thompson, E.P. *A miséria da teoria e outros ensaios*. Ed. Vozes, 2001.

junto ao Ruy Moreira, que foi durante muito tempo sua Geografia mais estruturalista, que fala sobre a luta de classes, mas não parte das lutas de classes. Quer dizer, não parte das lutas de classes reais, fala sobre as lutas de classe, como se fosse uma formulação teórica sobre a realidade, mas não parte das lutas de classes reais, que é de onde parte, por exemplo, um Bernardo Mançano Fernandes, e o Ari é importante nesta história. E o Ari hoje formula isso explicitamente, essa distinção entre o conceito de espaço e o encontro de território. São duas Geografias distintas, uma do marxismo que fala de fora para dentro e a outra daqueles que querem construir o marxismo de dentro para fora, de dentro das lutas de classes. Eu aí me incluo entre esses, daí essa minha aproximação com os movimentos camponeses, com os seringueiros, com movimentos do Norte de Minas, com o movimento que eu agora estou envolvido no Araguaia, entendeu? Com populações que estão em luta. E eu, inclusive, tenho formulado até como tema de pesquisa *A Geografia dos Movimentos Sociais*, ou seja, só a partir dos movimentos é que[...] Eu não tenho uma teoria pronta também para o que vai ser o socialismo, mas sei que ele vai ter que partir de movimentos, então seria um movimentista, se precisar de um nome. De um ponto de vista ideológico, incorporando a natureza como um valor, talvez buscando desde o jovem Marx que vai falar, que vai gostar de ser pescador, ficar na beira do rio, aquela coisa que ele falou, no momento que ele se dá um pouco o direito de falar. E que no final da vida, na **Crítica ao programa de Gotha**, vai dizer “nunca se esqueça que não é só o trabalho que produz a riqueza, a natureza também”, mas parece que a Geografia marxista não se lembra disto. Ela tem medo de ser determinista, de cair no determinismo, mas Marx vai criticar quem? Vai criticar **O Programa de Gotha** que não foi feito pela esquerda. Ele vai dizer que não é só o trabalho que vai produzir riqueza, a natureza também produz. Os Fisiocratas tinham razão, ao colocar que a Phisis não é a agricultura, a Phisis é a natureza, é o governo da natureza. Você pode criticar deles terem ficado aí, mas quando você vai dizer que é o trabalho? E eu tenho desenvolvido algumas reflexões, algumas em caráter ensaístico eu diria, mas que vão assim, o trabalho produz riqueza porque o trabalho só é possível se você tem capacidade de energia, não há trabalho sem energia.

PS: Então, já que você tocou neste ponto, vou colocar uma questão. Os textos desse momento, no início da década de 1980, todos vão colocar o conceito de trabalho como central, e vai-se formular o conceito de espaço geográfico, o espaço geográfico como uma transformação na primeira natureza, em segunda natureza, isso é possível identificar de forma geral, como, naquele momento, quando você pensou sobre isso, e como que você pensa isso, nesta questão do trabalho, já que você tocou, já que você já falou um pouco nisso e nesta questão da distinção natureza e segunda natureza e a partir daí a noção de espaço geográfico?



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

CWPG: A questão que eu coloco, eu acho que essa categoria é uma categoria extremamente importante. E já à época ela foi instrutiva. A ação humana, que era a categoria, a Geografia modela, o homem modela a paisagem, a natureza, através da ação humana, ou então ação antrópica, como a Geografia Francesa a chamava, aí a gente vai à categoria de trabalho, ela é quase que um emblema, ela é distintiva, homem e relação social, e o processo de trabalho, mas quando você percebe, eu já vinha levantando isso, eu não sei se meus textos deixam isso claro, mas me parece que a coisa é de hoje, o homem transforma a natureza através da técnica, usa a técnica através do processo de trabalho, mas como é esse trabalho? A gente imediatamente transforma o processo de trabalho em relações de trabalho, e vamos dizer que sociologiza o debate, digamos assim.

PS: Ou economiciza?

CWPG: Ou até, talvez até você seja até mais preciso com esta expressão, traz para o campo do social, mas só que trabalho só é possível, se você tem transformação, a capacidade de trabalho está relacionada e você define o trabalho como conjunto de energias físicas e mentais, então, você define o trabalho por energia. Mas só que, como vai se dar, então, o trabalho da relação do homem, a relação do trabalho enquanto relação social, mas é também uma relação energética com a natureza, ela altera, intensifica. Esse outro movimento não foi feito, que caminhava para discutir também o outro lado da relação do homem com a natureza, então o avanço que eu faço é o seguinte, não é que a categoria de trabalho seja jogada fora, mas só embutir na categoria de trabalho a categoria de energia. Então essa categoria ela ficou pela metade, ela foi sociologizada, ela foi trazida para as relações de trabalhos, porque ela permitia você deslocar a discussão para uma questão de classes, e, na verdade, a análise não mostrava como essas relações de classes imprimem uma determinada dinâmica na exploração da natureza, gerando dinâmica na natureza distinta daquelas que tinham antes, ou seja, você tem uma segunda natureza, mas que só foi falada essa segunda natureza como se fora um produto, como se ela não se inscrevesse na natureza.

Como se fosse o seguinte: O homem transforma a natureza, modela essa natureza e faz uma segunda natureza, mas como se ele tivesse, dentro da influência moderna do qual o marxismo é caudatário, seguido essa tradição, como se fosse dar ideia de dominação da natureza. Hoje eu te diria que esse papel da centralidade do trabalho e do agente, da capacidade dinamizadora que homem tem na transformação da natureza, não faz com que o homem saia da natureza por causa disso, porque a ideia é um pouco que o homem vai sair da natureza vai dominar a natureza. E, na verdade, é o seguinte, é como se ele fosse um subsistema de um subsistema maior, no qual ele é um elemento extremamente

forte de transformação, ele é um elemento de transformação da natureza, de produção de segundas naturezas, que o conceito já sugere a questão da transformação permanente dessa natureza pelo homem. Mas que era na verdade essa transformação que o homem detona, que produz, até tem um texto interessante que eu li a pouco tempo, **O Fim da Natureza**¹³, um texto, onde o autor fala assim, não é o fim da natureza no sentido catastrófico, é o fim do conceito de natureza que a gente até trabalhou até muito recentemente. É um texto de um americano, um jornalista, mas tem uma reflexão muito inteligente, que o Marx trabalha, qual é o conceito? É mais ou menos isso, a diferença entre a história do homem e a história da natureza, e que nós fizemos uma, mas não fizemos a outra, então você tem uma história da natureza que não foi feita pelos homens, aí o que diz o Bill Mckibben é exatamente isso. Quer dizer, mas o que será de uma época em que você, por exemplo, já consegue, pela matriz energética, por exemplo, alterar o efeito estufa. Você faz uma mudança climática que você corre o risco dela ser cada vez maior. A chuva que cai no mundo, ela já seria uma chuva reciclada a partir de forte interferência na matriz energética que a gente tem. Então, você poderia dizer que você teria uma dinâmica na natureza, feita pela natureza, que você não faria, é como se você também fizesse a história da natureza. Ele fala assim “o que será do homem quando o homem não tem mais limite”, quer dizer, ele levanta essa questão que eu acho uma questão de uma inteligência, e eu tendo a ver um pouco esta questão, da relação do homem com a natureza, que é uma relação que a gente acreditava que era de dominação, mas na verdade você continua sendo parte dela, a segunda natureza continua sendo natureza, [pois] parece que a segunda natureza é que deixou de ser natural. A segunda natureza não deixa de ser natureza por ser segunda natureza, eu acho que é recuperar, talvez, na expressão segunda natureza a expressão forte segunda e não natureza, se você me permite.

PS: Enquanto momento, ideia de momento?

CWPG: Não sei se momento, é que talvez a expressão que a gente quisesse acentuar é que você deixou de ser natureza para ser uma outra coisa, então é como se na expressão segunda natureza a expressão forte fosse segunda, a palavra forte fosse segunda e não a palavra natureza. Você fala assim, “você é uma segunda natureza”, mas o fato de ser segunda não quer dizer que você deixou de ser natureza, é isso que eu quero dizer. Então, é dialetizar a expressão e não como se, na verdade, o homem dominou a natureza, então é segunda natureza, como se com esse fato, o homem tivesse saído da natureza porque é feito da segunda natureza.

13. Mckibben, Bill. *O fim da natureza*. Editora Nova Fronteira, 1990.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

PS: Em parte daquele debate de Geografia Física e Humana também passa por aí. Não somos mais natureza, então, portanto nosso objeto é humano, seria isso?

CWPG: Pois é, na verdade, por exemplo, você não faz movimento de rotação, você não faz movimento de translação, e eu acho que o capitalismo nem o socialismo não vai mudar isso, não tem poder para mudar isso, se o mundo acabar, são coisas que de repente tem que dizer o óbvio. Essa onipotência antropocêntrica que traz enormes consequências do ponto de vista de uma arrogância, de um antropocentrismo também com relação a qualquer outro que não pense igual, tem uma capacidade de tal ordem que você transforma a natureza e você é capaz de fazer isso. Você é tão onipotente com essa sua capacidade, nessa sua crença, que todos aqueles que pensam diferente também devem ser subestimados, submetidos por essa lógica, então tem um autoritarismo profundamente enraizado por trás dessa ideia, isso me preocupa, não é?

PS: E essa mudança de eixo de visão que você colocou e é possível identificar na produção atual da Geografia, seria em parte mudança derivada da crítica do próprio conceito de trabalho ou da rediscussão da sociedade do trabalho, da rediscussão do tempo livre, essa nova perspectiva, daí viria novas posturas da Geografia?

CWPG: Eu acho que ela hoje tem mais eco, essa postura, esse tipo de abordagem, ela encontra um eco maior do que encontrava a algum tempo atrás, o texto do Paul Lafargue, “**O Direito a Preguiça**” [1880]. Já o título foi de uma infelicidade completa, pois ao invés de direito ao ócio, saiu como direito a preguiça. Aliás, acabou de sair em São Paulo lá pelo laboratório de Geografia Urbana, o texto, não sei se você viu, “**O Manifesto contra o Trabalho**” [1999]. Eles acabaram de lançar agora, que é uma discussão história, e inclusive de vertentes teóricas fortíssimas no período do marxismo. Por exemplo, esse marxismo nosso não leu William Morris, que é de 1880, e ele já falava essas coisas, o Lafargue levantava essas coisas, então não tem nada de novo nisso. Aliás, essa questão do meio ambiente está começando antes do Anti-Dühring, e o Engels formula explicitamente, de que a energia hidráulica era rural, porque a fonte dela era rural, mas a energia a vapor não quer dizer que necessariamente seja urbana, ela tem a possibilidade de se deslocar, você pode levar o carvão como você quiser, então ela permite que você pela primeira vez na história da humanidade, isso é Engels, no **Anti-Duhing** [1878], que você possa na verdade suprimir a distinção de cidade e campo que é a base da sociedade de classes, isso é Engels. A discussão do meio ambiente hoje é muito pobre em relação ao que esses caras faziam, William Morris e o Engels, aliás o Engels precisava ser recuperado

na Geografia, não tanto quanto o Marx recuperar o Engels, porque o Engels tinha essa preocupação com a natureza maior.

PS: O Engels do **Dialética da Natureza**?

CWPG: Não, acho que ali é um texto meio panfleto, é polêmico.

PS: Então, porque este texto tem um embate dentro da Geografia também.

CWPG: Mas eu te digo o seguinte, o **Anti Dühring** por exemplo, ou então o **Dialética da Natureza**, Anti-Dühring, é um texto importante, quando um cara fala um negócio desse.

Como é que nós geógrafos deixamos escapar essa discussão? Que vai levar a um movimento fortíssimo na Rússia nos anos 20, movimento dos desurbanistas, que vão ser ridicularizados como quererem voltar ao campo. É a mesma crítica que é feita aos ecologistas hoje. E quem estava envolvido com isso? O Moisei Ginzburg, um urbanista fantástico. Enquanto a gente na verdade não foi buscar aqueles que o marxismo oficial também mandou para a Sibéria imaginária, foi na Sibéria também que se escondeu essa gente, por exemplo. Vou dar um exemplo para você. Qual a discussão que eles puseram nos anos 20? Nós revolucionários Russos herdamos um invólucro espacial da sociedade que nós queremos transformar, como construir a sociedade nova com invólucro espacial antigo? Você viu a formulação com tanta clareza do que a gente vinha tentando colocar na Geografia Crítica pensada na questão da revolução? Esse texto me influenciou enormemente, é um texto de um português [que] vai escrever em 1973, eu tive acesso em 1978, 1979, chamado “**Urbanismo e Revolução**”, que ele recupera esse movimento dos Urbanistas que, por exemplo, faz parte um pouco da minha concepção de Geografia até hoje. É um texto que estou emprestando para as pessoas aí, comecei a tirar xerox mais recentemente, de novo, para dar para as pessoas. Um texto que parecia tão banal, até quando li o texto até achei que ele era meio primário em uma série de coisas, lendo hoje, mas eu falei assim, concordo com ele com tudo que ele coloca, como se eu me sentisse identificado com ele desde o início. E esse sujeito é um cara que veio do Maoísmo, olha só, Antônio Jacinto Rodrigues no livro **Urbanismo e Revolução** pela editora Afrontamento de Portugal. Ele hoje faz parte do movimento ambiental pela esquerda na Europa e ele vem do Maoísmo, vem de uma trajetória parecida com a minha, aceita essa questão ambiental porque a questão da relação cidade e campo é a dos Oikos, que em grego é morada. A Geografia está precisando recuperar os chamados geógrafos clássicos.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

PS: O que você quer dizer com isso?

CWPG: Recuperar, por exemplo, Max Sorre, um sujeito que diz nos 20 que a Geografia é o estudo da superfície da Terra enquanto morada do homem, ou a Geografia estuda a ecologia humana. Aí, de repente, entra em moda o papo de ecologia, todo mundo embarca nesse papo aí, nessa indignância teórica que está dominando esse campo, e ninguém vai fazer uma análise crítica do que diz o Max Sorre. Será que ele disse besteira? Não sei, não me deram ele pra ler com sistematicidade. A gente tem tido uma formação muito ruim, seja para aqueles geógrafos conservadores que não foram capazes se quer de conservar a tradição da Geografia, cadê a tradução dos clássicos da Geografia? Porque que esses caras não fizeram uma tradução do Alexander Humboldt, do Karl Ritter? Sei lá, do Max Sorre, do Vidal de La Blache, do Friedrich Ratzel, do Piotr Kropotkin, por quê? Que eles não souberam sequer honrar a tradição traduzindo essas pessoas para o português, e nós que já entramos num outro campo também acabamos aprendendo com esses caras, e acabamos pegando o que? A tradição mais do Marxismo, dos pensadores sociais críticos. Mas eu pergunto, a gente também tem que repassar, será que esses caras, a Geografia, não sabiam que tem sentido, se ela tem sentido, se tem significação social, embora inventada num determinado contexto, não é isso? Mas esse contexto é que nos formou, não o contexto, mas o contexto formou a Geografia, a Geografia continua virando uma instituição, um saber institucionalizado, e que a gente se insere numa tradição sem ter estudado essa tradição na Geografia, cadê os clássicos de Geografia? Por que não foram traduzidos? Acho que todos nós devemos ter um pacto em geral da comunidade hoje deveria ter em torno disso, acho que AGB devia se esforçar para fazer isso, eu tenho batido em torno dessa ideia, traduzir os clássicos da Geografia. Porque o Max Sorre parece que diz coisas muito interessante, o conceito de morfologia social da paisagem, aí depois vão discutir segunda natureza, ninguém pegou o Max Sorre, pomba? Nem nós. Nós eu entendo pela história que eu te contei da esquerda, a esquerda tinha um controle enorme para se discutir a Geografia no marxismo, a gente entrou meio atravessado, mas não seria a hora de fazer esse resgate da produção historiográfica brasileira? O Ruy Moreira está tentando fazer isso, de recuperar as categorias clássicas da Geografia não é isso? O Ruy não fez uma tese de doutorado. É basicamente um ensaio. É quase que fosse **As Teorias da Mais-Valia** do Ruy. Ele está pegando o resgate desses autores, começando a arrumar essas ideias, acho que ele nem tem uma ideia muito clara, ele mesmo fala isso, ele não tem uma ideia ainda muito clara. Mas ele está tentando resgatar esses clássicos na Geografia com as suas categorias, por isso é um acerto de contas que a nossa geração também não fez, a Geografia Crítica não fez. Nós éramos geógrafos formados de maneira convencional e tínhamos

uma visão crítica que vinha de fora da Geografia, a gente juntou isso, geramos um conhecimento interessante, abrimos questões interessantes, mas muitas das quais sem passar por um resgate crítico da própria história do pensamento da Geografia, um resgate crítico interno. Você sabe quem fundou a Geografia, te disseram lá num momento da vida que foi Humboldt e Ritter, mas se eu inverter a pergunta, qual é a importância do Humboldt e do Ritter para a teoria da Geografia? Quais são as categorias que eles deixaram, ninguém sabe, ninguém sabe, ninguém, que eu conheça ninguém, nenhum dos professores que me deram aula, e a gente está repetindo para os garotos a mesma coisa até hoje.

PS: E aí vem uma questão, que na verdade são duas. Uma é essa própria denominação de Geografia Crítica. E, a outra, como que foi contada a história da Geografia, e a influência muito grande do livro “**Pequena História Crítica**”

CWPG: Sim, acho que nefasto, acho que empobreceu e na verdade fez uma história muito linear, uma história muito sem recuperar as categorias centrais e como é que elas se inseriam no debate social e político mais amplo. Eu acho que, lamentável, mas também foi a única pessoa também que se debruçou para tentar fazer uma pequena história crítica, talvez a expressão pequena deve ser sublinhado, porque aí não passou de uma pequena história crítica. Bom, pode ser acusado de tudo menos que não disse no texto que ela era pequena, com toda a ironia, mas serviu de referência para todo mundo, então foi o mínimo de coisas que a gente teve na Geografia. Eu penso que hoje recuperar esses autores, um Kropotkin, enfim ele foi um desses que pensaram um pouco mais politicamente, um Elisée Reclus, que foi um anarquista, mas eu, por exemplo, a pouco tempo estava lendo.

PS: Mesmo autores brasileiros.

CWPG: Autores que eu nem conheço. Nem conheço, tem o Delgado de Carvalho que foi meio emblemático, então, até pouco tempo andei lendo um texto dele, **O que é Geografia, Por que ensinar Geografia**, na Revista de Geografia antiga, no Boletim Geográfico. Fiquei impressionado com a qualidade do texto, tinha uma densidade, uma coerência interna e a gente não passou por isso, Geografia não está tendo isso, precisamos tomar certos cuidados, alguns, digamos assim, cuidados de procedimento. Há pouco tempo eu fazia parte de uma banca de uma tese de doutorado de uma grande universidade brasileira, dos 250 títulos, 17 eram de Geografia. Uma tese de doutorado de Geografia, 250 títulos, 17 eram de Geografia. Nenhum deles eram posteriores a 1958. Significa dizer que não se produziu nada depois? Certos procedimentos que quem vai fazer uma tese tem que passar, debater com quem debateu o assunto. A gente na verdade tá



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709

discutindo a Geografia e o meio ambiente e ninguém está discutindo o Sorre. Ele é um dos protagonistas da discussão de Geografia da relação homem e meio, ele é um dos principais protagonistas dessa vertente da Geografia Lablachiana. É um cara que vai discutir, por exemplo, a saúde, que vai ter milhares de páginas sobre a questão da saúde. Geografia e Saúde, será que não é um tema interessante para a Geografia estudar, será que não é interessante? Não estou dizendo que eu concordo com o Max Sorre, mas ele também pode estar errado, mas errou pensando coisas interessantes, para essa questão da saúde, é uma questão, por exemplo os epidemiologistas, os médicos epidemiologistas que mexem com a saúde pública, controle de epidemias, não conseguem pensar se não for geograficamente, tem uma tradição deles de trabalharem com a Geografia, cadê a Geografia e Saúde? E Max Sorre trabalha com isso, a gente está privando a garotada, num momento de crise do mercado de trabalho, até nesse sentido. A tradição da Geografia é mexer com esses assuntos e são assuntos que eu acho é uma Geografia de provação social. Esses temas que eu falei, ao invés de estar apresentando à garotada com Geografia e Geoprocessamento, que aliás não caracteriza o trabalho do geógrafo, geoprocessamento é uma tecnologia hoje, um procedimento universal, não caracteriza o geógrafo, por isso que nós temos que aprender muito geoprocessamento, mas temas que vão ampliar o mercado de trabalho vão ser a Geografia com a cidadania, a Geografia com a questão da justiça, a Geografia e o direito, a Geografia e as relações internacionais, Geografia e saúde, são temas de interesse social, são temas de relevância social que a Geografia tem como tratar, tem tradição, tem escritos na sua história que já tratou, que precisava ser recuperado para tratar, estes ampliam o mercado de trabalho, que mexe com questões que são de interesse da sociedade, não é geoprocessamento que vai ampliar o mercado de trabalho para geógrafo.

PS: É uma tecnologia importante?

CWPG: Até porque a Geografia e direito, talvez precise, a Geografia e saúde vai precisar, mas para ser geógrafo esses são os temas relevantes e eu acho que já é um avanço da Geografia Crítica, apontando temas de interesse social relevantes, que são pertinentes a uma discussão. É como se a Geografia se aproximasse dos problemas da sociedade, além de estar preocupada com uma Geografia Crítica, como vai ser da sua fase primeira, com a transformação social, é como se hoje você quisesse pensar a transformação social, também considerando os temas de relevância social, mas que não são necessariamente revolucionários, a Geografia e saúde não é um tema revolucionário, mas é um tema de interesse social e que portanto o revolucionário pode discutir com ele e pode se colar na sociedade porque é um tema de relevância social e o problema de saúde vem porque você trabalha tantas horas por dia ou não

trabalha, porque você está desempregado, por isso que você está doente, porque você está morando mal. Por isso que a doença se localiza em certos lugares e não em outras. Então são temas que parecem importantes.

PS: Acha que é isso?

CWPG: Tem bastante coisa aí interessante, você me fez contar a minha infância!

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Volume 3, n. 37
Julho-Dezembro, 2023
ISSN: 2175-3709